



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Educação em Saúde

CARLOS ALBERTO PEREIRA DE ABREU

VIOLÊNCIA NA ESCOLA DESAFIANDO A PROMOÇÃO DE UM
AMBIENTE SAUDÁVEL

FORTALEZA - CEARÁ
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Carlos Alberto Pereira de Abreu

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA DESAFIANDO A PROMOÇÃO DE UM
AMBIENTE SAUDÁVEL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação em Saúde.

Mestrando: Carlos Alberto Pereira de Abreu

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luiza Jane Eyre de Souza Vieira

Grupo de Pesquisa: Políticas e Práticas na Promoção da Saúde

Linha de Pesquisa: Avaliação de Políticas e Práticas na Atenção à Saúde

Núcleo Temático: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Acidentes e Violência (NEPAV)

**FORTALEZA - CEARÁ
2006**

Esta dissertação integra a produção de conhecimentos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Acidentes e Violência - **NEPAV**.

O trabalho contou com auxílio material e financeiro do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq**, entidade governamental brasileira promotora do desenvolvimento científico e tecnológico.

Carlos Alberto Pereira de Abreu

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA DESAFIANDO A PROMOÇÃO DE UM
AMBIENTE SAUDÁVEL**

Banca Examinadora

Profª Drª Luiza Jane Eyre de Souza Vieira - UNIFOR
Orientadora

Profª Drª Eliany Nazaré Oliveira - UVA
Examinadora

Profª Drª Ana Maria Fontenelle Catrib - UNIFOR
Examinadora

Profª Drª Maria Teresa Moreno Valdés - UNIFOR
Suplente

Dedicatória

Dedico este trabalho às pessoas que gostariam de fazer pesquisas e que diante de tantas dificuldades e empecilhos encontrados no caminho, não conseguem ultrapassar as barreiras no alcance de seus objetivos. Contudo, desistir não é o caminho; persistir, é a solução.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter guiado meus passos ao longo desta e de tantas outras caminhadas.

Aos meus pais Elizeu e Ângela que sabiamente me instruíram com lições de vida, com muito carinho e dedicação para que os meus sonhos se concretizassem.

A minha esposa Maria Salomé Cisne Mesquita de Abreu, por ter me incentivado, pela dedicação e força nos momentos mais difíceis e pela compreensão nos momentos de exaustão, e a minha filha Ingrid, pelo afeto e pelo sentido que dá em minha vida.

Um agradecimento especial a minha orientadora Prof^a Dr^a. Luiza Jane Eyre de Souza Vieira pela dedicação incondicional, por nortear as diretrizes deste trabalho, e pela sua sensibilidade, lhe sou muito grato.

A Prof^a Dr^a Maria Teresa Moreno Valdés pela direção e acompanhamento no início deste trabalho e pelas ricas contribuições, no decorrer de sua construção, mostrando-se sempre receptiva e disponível as nossas solicitações, meu sincero carinho e agradecimento.

A Prof^a Dr^a Anya Pimentel Gomes Fernandes Vieira que nos aproximou da abordagem quantitativa e, carinhosamente, nos atendeu nos constantes momentos de dúvidas e incertezas, meu reconhecimento e admiração.

Aos professores do Mestrado em Educação em Saúde, que foram primordiais na conclusão desta etapa da minha vida.

A Renata Carneiro Ferreira pelo empenho na organização e processamento dos dados e pelo compartilhar das discussões e leituras realizadas sobre o tema, com disponibilidade, paciência e meiguice, não sei como agradecer.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Acidentes e Violências – NEPAV, por estar se constituindo como suporte teórico e metodológico no aprofundamento desta temática, além de ser um enriquecimento de nossas relações sociais, sinto-me feliz por participar deste núcleo.

Ao Núcleo de Estudos em Qualidade de Vida, na pessoa das Prof^a Dr^a Ana Maria Fontenelle Catrib, Prof^a Dr^a Maria Teresa Moreno Valdés e Prof^a Dr^a Maria Sainstrain Vieira que, durante um ano, compartilhamos saberes e experiências.

A coordenação do Mestrado em Educação em Saúde, na pessoa da Prof^a. Dr^a. Raimunda Magalhães Silva, sempre disposta a incentivar e acreditar em nosso potencial.

Aos amigos Abreu, Cleide e Marciliano, incansáveis em dedicação e presteza, saibam que vocês fazem à diferença no Mestrado de Educação em Saúde, muito obrigado.

Aos alunos e professores da Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aloysio Barros Leal, sujeitos deste estudo, pelo apoio e colaboração concedidos à pesquisa, onde espero ter sido fiel à realidade de suas experiências e que possa através deste estudo contribuir positivamente.

A todos que direta e indiretamente deram sua contribuição para a realização deste trabalho, mesmo que possam se perceber no anonimato, meu muito obrigado.

RESUMO

A conceituação de violência é complexa esse fenômeno tem ampliado suas modalidades e os espaços de ocorrência. A escola, já algum tempo, é alvo de cenas e comportamentos violentos, preocupando os sujeitos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Considerando relevante contribuir com a construção deste campo de conhecimento, este estudo tem como objetivo geral investigar a ocorrência de violência em escola pública do município de Fortaleza, Ceará. Como específicos, investigar a percepção de violência escolar de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola Pública Estadual e descrever as situações de violências na escola a partir do entendimento de alunos do ensino fundamental e médio de uma escola pública, e a prevalência de armas e drogas referida por esses alunos, no ambiente escolar. A pesquisa adotou as abordagens qualitativa e quantitativa, envolvendo 26 professores e 935 alunos do ensino fundamental e médio, de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará, em 2006. A realização de oficinas, preenchimento de um formulário de observação e mediante análise categorial, investigou-se a percepção dos professores sobre a violência escolar. Com os alunos foi usado um questionário estruturado, auto-aplicado, investigando, se esses tinham presenciado violência, armas e droga na escola e os dados foram analisados no SPSS, versão 13.0. O estudo foi aprovado com registro no Coética–Unifor de n. 06-058. Os resultados mostram que os professores percebem a violência na escola como agressividade e incivilidade, de acordo com a literatura vigente sobre o tema. Entre os 935 alunos, 41,9% presenciaram violência na escola, 44,3% acham que a escola é um espaço violento, 40,1% afirmaram ter sofrido agressão na escola e os apelidos foram citados, por 48,5%, como o maior motivo dessas “agressões”. Sobre presenciar arma e droga, 38,4% e 32,7%, respectivamente, afirmaram que sim. Considera-se que professores e alunos têm uma compreensão sobre violência, esse fenômeno está presente no espaço escolar; armas e drogas, nesse contexto, são fatores de risco para ampliar o problema. Dessa forma, essa realidade conflituosa e amedrontadora é um dos grandes desafios para a implantação e consolidação de um ambiente saudável no âmbito escolar.

Palavras-chave: Violência escolar, escola, agressões, drogas e armas.

ABSTRACT

Concept of violence is complex. This phenomenon has expanded its forms and scope of occurrence. For a long time now, school has become the stage for violent sceneries and behaviors, bringing concerns to all those involved in both teaching and learning process. Because it seems important to contribute for the construction of this field of knowledge, the general objective of this study is to investigate the occurrence of violence in public schools in the municipality of Fortaleza, Ceará. Its specific objectives is investigating the views of Secondary and Middle School teachers of a Public State School of school violence and describe the situations of violence at school by understanding the Secondary and Middle school students and the prevalence of weapons and drugs in their possession in the school environment. The study adopted the both qualitative and quantitative approaches comprising 26 teachers and 935 students of Secondary and Middle School of a public state school in Fortaleza, Ceará, in 2006. By holding workshops, completing an observation form and making a categorical analysis, the teachers' view of violence at school was investigated. A structured, self-applied questionnaire was used by students to investigate whether that had watched violence, weapons and drugs at school, and the respective data were analyzed by SPSS, release 13.0. The study was approved and registered in Coética-Unifor under number 06-058. Results show that teacher view violence at school as aggressiveness and misbehavior, according to the existing literature on the topic. Out of those 935 students, 41,9% of them had witnessed violence at school; 44,3% feel that school is a violent and environment; 40,1% declared that they had been victim of bullying at school, where nicknames were mentioned by 48,5% of them as the main form of aggression. Questioned about weapons and drugs, 38,4% and 32,7% respectively answered that hey had seen them. It is assumed that both teachers and students have an understanding of violence and that this phenomenon is present in the school environment; in this context, weapons and drug are risk factors that accentuate the problem. Thereby way, this conflicting, frightening reality is a major challenge to the implantation and consolidation of healthy school environment.

Key Words: school violence, school, bullying, drugs and weapons.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Introdução.....	13
Objetivos.....	21
Artigos.....	22
ARTIGO I – Concepção de violência na visão dos professores de uma escola pública, em Fortaleza, Ceará.	23
Resumo.....	24
Abstract.....	24
Resumen.....	25
Introdução.....	26
Material e Método.....	31
Apresentação e discussão dos Resultados.....	34
Considerações finais.....	42
Referências.....	43
Artigo II – Violência na escola pública na percepção de alunos do ensino fundamental e médio, Fortaleza, Ceará.	48
Resumo.....	49
Abstract.....	50
Introdução.....	51
Métodos.....	53
Resultados	56
Discussões.....	62
Conclusão.....	70
Referências.....	71
Reflexões Conclusivas.....	76
Referências.....	79
Apêndices	
Anexos	

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação aborda a violência na escola e foi motivada pelo exercício de uma coordenação pedagógica de uma escola pública estadual, há cerca de dois anos. Diante das situações de violência presenciadas no cotidiano dos alunos e professores, veio o ensejo de se aproximar, por meio da pesquisa, dos sujeitos que a vivenciam e compreendê-los a partir de suas percepções. Desse modo, o estudo discorre sobre situações de violência, na ótica dos alunos e sobre temas correlatos, a exemplo de armas e drogas no contexto escolar.

Na introdução abordam-se conceitos de violência, no sentido amplo e sua incursão no ambiente escolar, considerando a complexidade desse fenômeno e as concepções dos estudiosos sobre a violência na escola.

Nesta perspectiva, foram delineados como objetivo geral: (i) investigar a ocorrência de violência em escola pública do município de Fortaleza, Ceará. Como objetivos específicos foram estabelecidos: (i) investigar a percepção de violência escolar de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola Pública Estadual, em Fortaleza, Ceará; (ii) descrever as situações de violências na escola a partir do entendimento de alunos do ensino fundamental e médio de uma escola pública e a prevalência de armas e drogas referida por esses alunos, no ambiente escolar.

A pesquisa adotou a complementaridade das abordagens qualitativa e quantitativa, envolvendo 26 professores e 935 alunos do ensino fundamental e médio, de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará, sendo realizado em dois momentos. O primeiro investigou a concepção dos professores sobre violência escolar. O segundo, contemplou a prevalência da violência na escola, com a aplicação de um questionário estruturado aos alunos, auto-aplicado, com questões

sobre escolaridade, se presenciou violência na escola, bem como se identificou a existência de droga e armas neste espaço.

Os resultados foram formatados em dois artigos. O primeiro versa sobre a concepção de violência na visão dos professores. O segundo, descreve os tipos de violência enfrentados pelos alunos na escola, as atitudes agressivas entre os escolares, como também, os motivos que levam esses alunos praticarem situações de violência. Ainda descreve a prevalência de drogas e armas nas escolas, referida pelos estudantes, como fator interveniente na ocorrência de violência tanto na escola, como em seu entorno.

Ao final, o estudo sintetiza as concepções que os professores detêm sobre a violência na escola, retrata a prevalência dessas situações dentro do espaço escolar, tece algumas considerações sobre este tema complexo, real e assustador. Ressalta que o tema se apresenta inesgotável diante da dinâmica das relações interpessoais, familiares, sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais.

INTRODUÇÃO

Situando a origem da palavra violência, esta vem do latim “*vis*” e significa força física, vigor, potência, energia que designa uma força orientada e seletiva contra algo ou contra alguém. Manifesta-se através da interação de suas condutas donde um ou ambos exercem uma força sobre o outro, especificada pela intenção que produz e pela consideração que esse efeito causa como agressão, ainda quando difere do propósito de seu executor. A violência manifesta-se com o desejo de matar, de eliminar fisicamente ou simbolicamente o outro. (PINTUS, 2005; CASTRO, 2005).

A respeito das ampliadas concepções sobre o tema, Minayo (2005, p.11) coloca que as expressões da violência que hoje ocorrem no Brasil são muito mais complexas do que a questão social. É sobre as condições e as circunstâncias da escassez de oportunidades e perspectivas – principalmente em relação ao jovem, pressionado pelo consumo e pela falta de reconhecimento e de chances sociais – que está sendo construída o aumento das taxas de criminalidade e das conseqüências da violência, principalmente, nas regiões metropolitanas.

A incidência crescente de todas essas formas de violência, que torna nossos jovens, ao mesmo tempo, vítimas e algozes, exige do conjunto da sociedade uma análise mais aprofundada e uma atitude mais objetiva e responsável, se queremos realmente limitar sua vigência no ambiente social. A violência também se perpetua na apatia, na falta de projeto de futuro, na ausência de perspectivas, na quebra dos valores de tolerância e solidariedade, fatos que fazem parte da crise de significações de nossa modernidade. (WASELFISZ, 2002).

No Brasil, o Ministério da Saúde (MS), ao incorporar os acidentes e as violências como problema de saúde pública, o setor, assumiu a sua participação

juntamente com outros setores e com a sociedade para uma construção da cidadania e da qualidade de vida, como também, o seu papel específico, nas estratégias de promoção da saúde e de prevenção desses eventos. (BRASIL, 2001a).

Como problema de saúde pública, em nível mundial, este tema suscitou reflexões, estudos e consensos no sentido de instrumentalizar a sociedade para entendê-lo e melhor enfrentá-lo. Dessa forma a Organização Mundial de Saúde (OMS) propôs uma tipologia para classificar a violência, a partir de suas manifestações empíricas, em: (i) violência dirigida contra si mesmo (auto-infligida), (ii) interpessoal e (iii) coletiva (MINAYO, 2005).

A violência auto-infligida engloba os comportamentos suicidas e os auto-abusos. As interpessoais são classificadas em: intrafamiliar (ocorre entre parceiros íntimos e membros da família) e comunitária (ocorre no ambiente social em geral, entre conhecidos e desconhecidos - a exemplo da escola, ambientes de trabalho, espaços de lazer, etc.). A coletiva acontece nos âmbitos macro-sociais, políticos e econômicos e caracterizam a dominação de grupos e do Estado. (MINAYO, 2005).

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, em pesquisa realizada no período de 1990-2001, os índices de violência no Brasil cresceram de forma preocupante. Em 1991, mais de 30 mil pessoas foram vítimas de homicídio no País. Esse número chegou a mais de 45 mil em 2000 configurando um aumento de 50,2%. Esta pesquisa revela que os jovens são as principais vítimas dessa realidade: dos 45.919 óbitos por homicídio registrados no ano 2000, 17.762 (38,7%) eram pessoas na faixa etária de 14 a 25 anos. (ABRAMOVAY, 2002).

Apropriando-se da tipologia de violência interpessoal, na modalidade comunitária, esta pesquisa enfatiza a violência na escola, fenômeno que suscita

múltiplas indagações e, dentre elas, a de como professores concebem e convivem com a violência na escola e como o jovem de comunidades, socialmente desfavorecidas, avalia a violência escolar em seu entorno social. Neste aspecto é relevante estudar a violência na escola para se compreender as atitudes e comportamentos violentos no âmbito escolar, subsidiando a reorientação de práticas educativas e pedagógicas, no alcance de uma escola promotora de saúde.

A violência na escola é um motivo de preocupação no campo educativo necessitando de prioridade nos programas de governo e das autoridades que compõe o cenário técnico pedagógico escolar. A coordenação pedagógica, cargo que possibilita se deparar com o problema da violência na escola, urge que o profissional esteja instrumentalizado tanto nas concepções teóricas como nas metodológicas, para lidar com o fenômeno, e possibilitar a criação de estratégias para fomentar a cultura da paz.

As pesquisas demonstram que as crianças e adolescentes que cometem atos violentos sistematicamente (e são considerados por isso com problemas de comportamento) provem de uma minoria desfavorecida com muitos problemas sociais e que são esquecidos ou excluídos socialmente e a escola precisa ser um espaço acolhedor, inclusivo e promotor de uma vida saudável para esses abandonados. A violência simbólica existente na hierarquia escolar vem acompanhada da noção de violência estrutural, especialmente nas escolas públicas que carecem de equipamentos e estruturas físicas adequadas ao aprendizado, bem como padecem de uma pedagogia inadequada ao público que atendem. (DUARTE, 2005; PINTUS, 2005).

Nesse sentido, como coordenador pedagógico, ao lidar com essas questões dentro do espaço escolar, onde acontecem cenas que se caracterizam como

violentas (pelos aspectos que apresentam), presencia-se, em diversos momentos, alunos agredindo colegas com tapas e pontapés. Outro ponto a considerar, são as agressões verbais mútuas entre os alunos, xingando familiares, difamando imagens e valores dos mesmos, originando conflitos e tensões na escola. Assim sendo, diante dessa problemática cotidiana, adveio o ensejo de se pesquisar sobre a violência no âmbito escolar.

Vale lembrar, que esses acontecimentos ocasionam, não raro, lesão corporal grave e, nesses incidentes, a escola se responsabiliza em encaminhar os envolvidos para serviços de emergência. Contudo, não é esse “papel de encaminhamento de pessoas lesionadas” que se almeja para a escola, mas, sim, uma proposta de formação cidadã e de preparo para o exercício de uma prática social.

Silva e Cunha (2002) defendem que o ensino e a educação do século XXI estão ligados ao desenvolvimento da capacidade intelectual dos discentes e a compreensão da realidade que os cerca. A educação visa preparar os estudantes no enfrentamento das mudanças e diversidades tecnológicas, econômicas e culturais, transformando-os com qualidades, como atitude e adaptabilidade.

Convivendo e vencendo as adversidades a escola deve preparar os alunos para o exercício da cidadania a qual representa, hoje, o ponto de transformação política e cultural que permitirá que a escola “caminhe” para formar, de modo efetivo, indivíduos produtivos à vida social e pública, favorecendo-lhes condições para o entendimento do saber e construção do conhecimento.

Estudiosos preconizam que a escola precisa estar à frente das mudanças sociais, assumindo-se como uma instituição que pensa e repensa sua ação, o que exige capacidade críticas e iniciativas práticas dos fatos novos que ocorrem

continuadamente. Com essa visão, a escola tornar-se-á um espaço social ativo que passará a assumir a responsabilidade de construir seus objetivos e não apenas reproduzir conhecimento. (MORAES et al, 2005).

Mas não só dos princípios da educação a escola se constitui *locus*, pois é também um espaço privilegiado para se promover saúde, para programar e desenvolver ações que sejam transformadoras de uma realidade desigual.

O Ministério da Educação (2004) enfatiza que se os alunos residem ou não perto de rios, córregos, esgotos a céu aberto, se têm ou não acesso a atividades culturais ou outros eventos tidos como promotores de saúde, são aspectos que devem ser analisados quando se tenta compreender as manifestações de violência entre esses jovens. Em outras palavras, o aluno compreende seus sistemas de valores, seus objetivos, padrões e preocupações diante da sociedade e da vida.

A escola constitui-se em um espaço para a promoção da saúde, que envolve estudantes, trabalhadores em educação, comunidade escolar, órgãos governamentais de educação, gestores de sistemas de saúde e educação, movimentos sociais, associações, grupos, famílias e toda a população. E é nesse sentido que os projetos sociais relacionados à saúde devem se concretizar principalmente a partir da construção coletiva dos projetos políticos pedagógicos que devem ser pensados e estruturados com a coletividade ou comunidade escolar. Dessa forma, surge a integração comunidade – escola – saúde com objetivos claros de promover saúde no contexto da educação. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004).

A saúde no espaço escolar deve apoiar-se no ambiente de vida da comunidade em que está inserida a escola, cujo referencial para a ação deve ser o desenvolvimento do educando, como expressão de saúde, a partir de uma prática

pedagógica participativa que tem como abordagem metodológica à educação em saúde, na perspectiva transformadora. Nesse sentido, o papel da escola em relação à saúde centra-se na construção da consciência crítica de seus alunos e, conseqüentemente, da conquista da cidadania. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004).

Corroborando parágrafos anteriores, as Cartas de Promoção da Saúde (Brasil, 2001b) enfatizam a necessidade de um ambiente saudável, onde estejam presentes alguns atributos como paz, lazer, segurança, dentre outros, no alcance da promoção da saúde, que, no ambiente escolar, é primaz para que se configure o processo de ensino e aprendizagem, com possibilidades concretas de transformação social.

Como se sabe, a escola é um universo de circunstâncias pessoais e existenciais que requerem do educador (professor, dirigente, etc), uma boa dose de bom senso, quando não, uma abordagem direta com alunos que acabam demandando uma atuação muita além do posicionamento pedagógico e metodológico da prática escolar.

Tomando por base os princípios da Carta de otawa no âmbito escolar, Moreira et al (2006) referencia Mukoma e Flisher (2004), afirmando que esta resultou no conceito de escola promotora de saúde – EPS, onde se volta por um foco integral da promoção de saúde, no qual, pode ser definida como uma escola com políticas, procedimentos, atividades e estrutura que resultem na proteção e promoção à saúde e ao bem-estar de todos os membros da comunidade escolar.

Neste aspecto, a EPS deve potencializar as dimensões no âmbito integral da saúde, que incluem a abordagem psicossocial; equidade de gênero; envolvimento comunitário; organizacional e inclusão de medidas que ampliem

habilidades cognitivas e sociais que determinam a motivação e a possibilidade dos indivíduos terem acesso, compreenderem e usarem as informações de forma a promoverem e manter a saúde (MOREIRA et al, 2006 apud RISSEL e ROWLIN, 2000).

As pesquisas demonstram que crianças e adolescentes que cometem atos violentos, sistematicamente, provem de uma minoria desfavorecida com muitos problemas sociais e que são esquecidos ou excluídos socialmente e a escola precisa ser um espaço acolhedor, inclusivo e promotor de uma vida saudável para esses abandonados. (DUARTE, 2005; PINTUS, 2005).

Alguns jovens e adolescentes consideram a escola como um refúgio dos problemas familiares, pois, tanto o ambiente escolar quanto os relacionamentos com os professores, continuam constantes em sua vida durante esse período de grande reviravolta existencial. Mesmo assim, nem sempre esses alunos aceitarão conversar a respeito das dificuldades que enfrentam no seu cotidiano. Novamente, serão as alterações em seu desempenho e comportamento que denunciarão a existência de problemas emocionais.

Nesse sentido, Abramovay (2006) assegura que cada vez mais repercute a idéia de que as escolas estão se tornando territórios de agressões e conflitos; notícias sobre homicídios e uso de armas em estabelecimentos de ensino surgem em diversas partes do mundo, intensificando a percepção de que esses deixaram de ser um território protegido.

Sabendo que são jovens e adolescentes que fazem parte da escola como autores, pesquisas realizadas pela UNESCO com jovens de diversas cidades do Brasil permitiram verificar que, aproximadamente, 60% dos jovens na faixa de 14 e 19 anos foram vítimas de algum tipo de violência nas unidades escolares nos

últimos anos. (WAISELFISZ, 2002).

Essas mesmas pesquisas alertam que, dentro do espaço escolar, muitas vezes se observa uma rejeição das pessoas que são rotuladas como violentas ou com comportamento que caracterize expressões violentas. Entende-se tal atitude como uma forma de exclusão social causando o que poderíamos chamar de “processo de constituição de indivíduos e grupo supérfluos e desnecessários à vida social”. Cabe, aqui, lembrar das crianças e adolescentes que vivenciam uma “sociabilidade excluída dentro do espaço familiar e escolar. Nesse sentido, a violência pode estar em tudo, imprimindo destruições ao ser humano”. (WAISELFISZ, 2002).

Para as crianças menores, por exemplo, existem as ameaças ou a ridicularização pelas mais velhas, e esse sentimento é tão mais contundente quanto mais retraída e introvertida é a criança. Já para os adolescentes, as ameaças de ansiedade geradas em ambiente intraclasse são o desempenho aquém da média nos times esportivos, nos trabalhos em grupo, as diferenças sócio-econômicas entre os colegas, as diferenças no estilo e nas possibilidades de vida, no vestuário, etc. (GUIMARÃES, 1996; PEREIRA, 2002).

Entendendo a complexidade do tema e a realidade que se desponta, compreendendo que existe uma cadeia progressiva da gênese da violência (doméstica, escolar e social), considera-se relevante investigar sobre o assunto e aproximar-se, ainda que empiricamente, dos construtos que são formados sobre violência na escola, na concepção de professores e alunos. Nessa perspectiva, este estudo delimita seu campo investigativo para a violência comunitária, especificamente, a violência na escola, investigando sua ocorrência neste espaço social.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Avaliar a ocorrência de violência em uma escola pública do município de Fortaleza, Ceará, Brasil.

Objetivos Específicos

- Investigar a concepção de violência escolar na visão de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola Pública Estadual, em Fortaleza, Ceará.
- Descrever as situações de violências na escola a partir da percepção de alunos do ensino fundamental e médio de uma Escola Pública e a existência de drogas e armas, referida por esses estudantes.

ARTIGOS

**CONCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA NA VISÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA
PÚBLICA, EM FORTALEZA, CEARÁ**

**CONCEPTION OF VIOLENCE IN THE TEACHERS' POINT OF VIEW OF A
PUBLIC SCHOOL, IN FORTALEZA, CEARÁ**

**LA CONCEPCIÓN DE VIOLENCIA EN LA VISIÓN DE MAESTROS DE UNA
ESCUELA PÚBLICA, EN FORTALEZA, CEARÁ**

Carlos Alberto Pereira de Abreu¹

Luiza Jane Eyre de Souza Vieira²

1. Pedagogo. Aluno do Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aloysio Barros Leal. Rua: Floriano Peixoto, 1251 Centro. CEP: 60.025-131. Fortaleza, Ceará, Fone: 32214464 Email: carlusalberto65@yahoo.com.br.

2. Enfermeira. Centro de Ciências da Saúde. Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Instituto Dr. José Frota, Rua Ceres, 1157, Edson Queiroz, CEP: 60.834-180, Fortaleza, Ceará, Fone: 327357254, janeeyre@unifor.br

Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação.

**CONCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA NA VISÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA
PÚBLICA, EM FORTALEZA, CEARÁ**

**CONCEPT OF VIOLENCE FROM THE TEACHERS' VIEW IN A PUBLIC SCHOOL
IN FORTALEZA, CEARÁ**

**CONCEPCIÓN DE VIOLENCIA SEGÚN LA VISIÓN DE LOS PROFESORES DE
UNA ESCUELA PÚBLICA, EN FORTALEZA, CEARÁ**

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo investigar a concepção de violência escolar de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará. Trata-se de um estudo descritivo, realizado com 26 professores, no período de janeiro a maio de 2006. A realização de oficinas sobre o tema e relatos escritos dos professores sobre concepção de violência a partir da realidade escolar, foram técnicas de coleta de dados que, submetidos a análise, evidenciaram as seguintes categorias: agressões físicas e verbais e brigas como as mais citadas; esconder objetos pessoais, palavrões, empurrões, desrespeito ao professor, brincadeiras de mau gosto também foram mencionadas. Conclui-se que os sujeitos visualizam a violência nas dimensões físicas, morais, simbólicas e estas “tipologias” corroboram as denominações encontradas na literatura como *bullying* ou incivilidades, no contexto escolar.

Palavras-chave: violência na escola, *bullying* e incivilidades, educação em saúde.

ABSTRACT: The objective of this study was investigating the views of school violence by Secondary and Middle School teachers in a public state school in Fortaleza, Ceará. This is a descriptive study including 26 teachers in January -May 2006. Workshops about the topic and teachers' written reports on the concept of

violence in school, environment were the techniques adopted to collect data which were later analyzed and provided evidence of the following categories: physical and verbal aggressions and fights stood out; hiding personal objects, calling names, shoving, disrespecting the teacher, and bad jokes were also mentioned. We may conclude that individuals view violence from its physical, moral, symbolic aspects, and that such typologies are in line with definitions found in literature as *bullying* or misbehavior within the school context.

Key Words: school violence, *bullying* or misbehaviors, health education.

RESUMEN: Este trabajo tuvo como objetivo investigar la concepción de violencia escolar de los profesores de Enseñanza Fundamental y Media, de una escuela pública estatal, en Fortaleza, Ceará. Se trata de un estudio descriptivo, realizado con 26 profesores, en el periodo de enero a mayo de 2006. La realización de talleres sobre el tema y relatos escritos de los profesores sobre concepción de violencia a partir de la realidad escolar, fueron las técnicas de colecta de datos que, sometidos a análisis, evidenciaron las siguientes categorías: agresiones físicas y verbales y peleas como las más citadas; esconder objetos personales, palabrotas, empujones, falta de respeto al profesor y bromas de mal gusto, también fueron mencionadas. Se concluye que los sujetos visualizan la violencia en las dimensiones física, moral, y simbólica y estas “tipologías” corroboran las denominaciones encontradas en las publicaciones como *bulling* o incivildades, en el contexto escolar.

Palabras-clave: violencia en la escuela, *bullying* e incivildades, educación en salud.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo, presente, também, no ambiente escolar (Maldonado & Williams, 2005; Abramovay, 2002; Njaine & Minayo, 2003) comprometendo a assimilação de valores, o processo de ensino e aprendizagem, as relações interpessoais, a harmonia familiar e social, além de causar sérias repercussões à saúde individual e coletiva.

Corroborando as multifacetadas da violência, esta é conceituada, na literatura, de muitas formas diferentes; as rotulações e classificações são apresentadas sem a especificação de critérios ou com critérios confusos, de forma a dificultar seu uso por outros pesquisadores (Ristum & Bastos 2005).

A violência se manifesta em vários espaços sociais, e, dentre esses, a escola tem sido palco de cenas violentas, amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, causando constrangimento, medo, indignação e preocupação de como se pode estar contendo essas situações que causam efeitos irremediáveis na formação do jovem.

Histórica e socialmente, a escola é concebida como uma instituição co-partícipe na formação global do indivíduo, aglutinando conhecimentos, habilidades técnicas e científicas ao desenvolvimento pessoal e cidadão. Contudo, se configura, também, como espaço de construção e demonstração de atos violentos, inquietando governos e a sociedade civil, pois como adquirir uma consciência cidadã se as escolas estão se transformando em ringue de lutas, palcos de discriminação social, ambiente de formação de gangues, tráfico de drogas e morte de indivíduos?

Estudiosos da temática preconizam que a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição, pois quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas

que são originadas no bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer outro local. (Charlot, 2002; Debarbieux & Blaya, 2002).

Vale ressaltar a complexidade conceitual a cerca do tema, pois este é visto e disseminado de acordo com o ponto de vista de quem o enuncia: a mídia, alunos, professores, gestores, familiares, sociedade civil e governos. Guerrero & Lobera (2005) reforçam a dicotomia e contradições que permeiam os discursos e, em pontos essenciais, chegam a ser distintos, a exemplo dos políticos, dos especialistas, dos meios de comunicação, dos professores, dos alunos, dos pais e da sociedade em geral.

Estes autores acrescentam que pouco se escuta os protagonistas, no caso os alunos, e que o “espaço enunciativo se divide quase sempre entre professores, políticos e especialistas e, estes últimos, muitas vezes, convidados ou contratados por organizações e instituições públicas”. (Guerrero & Lobera, 2005, p.17).

Nesse sentido, ressalta-se que os trabalhos relacionados sobre a violência escolar e desenvolvidos por pesquisadores da UNESCO, no Brasil, tiveram início nos anos 1990, com a participação de distintas classes sociais, sobre as violências sentidas e presenciadas por essa juventude. Em uma dessas pesquisas com jovens de Brasília, Fortaleza, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo foram identificados que cerca de 60% dos jovens, na faixa de 14 a 19 anos, já tinham sido vítimas de algum tipo de violência nas unidades escolares, nos últimos anos. (Waiselfisz, 2002).

Contudo, a literatura retrata que os professores e a opinião pública pensam na violência como um fenômeno novo que teria surgido nos anos 80 e se teria desenvolvido nos anos 90. Na verdade, historicamente a questão da violência na escola não é tão nova. Assim, no século XIX, houve, em certas escolas de 2º Grau,

algumas explosões violentas, sancionadas com prisão. Da mesma forma, as relações entre alunos eram, freqüentemente, grosseiras nos estabelecimentos de ensino profissional dos anos 50 ou 60. O autor ainda relata que se a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, estas sim, estão com novas modalidades. (Charlot, 2002).

Primeiramente surgiram formas de violência muito mais graves que outrora: homicídios, estupros, agressões com armas. É certo que são fatos que continuam raros, mas dão a impressão de que não há mais limite, que, daqui por diante, tudo pode acontecer na escola - o que contribui para produzir, o que se poderia chamar de uma angústia social face à violência na escola. Além disso, os ataques a professores ou os insultos que lhes são dirigidos já não são raros: aí também, um limite parece ter sido transposto, o que faz crescer a angústia social. (Charlot, 2002).

A literatura adverte sobre se assumir abordagens extremas em relação a violência na escola, pois se pode adotar, de um lado, uma abordagem exacerbada do fenômeno incorrendo no risco de criminalizar comportamentos comuns e, de outro, uma abordagem restrita que pode desconsiderar as vítimas e as microviolências no âmbito escolar. Portanto, se aceita uma visão extensa e complexa da violência escolar, que incorpora a violência física, a simbólica ou institucional e a verbal, como também as incivilidades. (Abramovay & Avancini, 2004a).

Corroborando a complexidade desse tema, os estudiosos retratam a indefinição do que realmente possa ser entendido por violência. Vários autores advogam que esse fenômeno é multifacetado, recebe influências culturais, históricas e econômicas, de poderes constituídos e organizados, dentre outros atributos que acompanham a história da humanidade. (Arendt, 1970; Michaud, 1986; Assis &

Constantino, 2003; Minayo, 2005).

Pintus (2005) diz que a violência manifesta-se através da interação de suas condutas onde um ou ambos exercem uma força sobre o outro, especificada pela intenção e pela consideração que esse efeito agressivo produz, ainda quando difere do objetivo de seu executor. Manifesta-se com o desejo de matar, de eliminar física, ou simbolicamente o outro.

No Brasil, alguns autores têm buscado refinar o conceito de violência delimitando a população jovem e a escola como objeto social de estudos. Embora incipientes, a maioria dos estudos foi feita em locais regionalizados, sendo que nos anos 80, as incidências foram contra o patrimônio (pichações e depredações); nos anos 90, ganham destaque as formas de agressão interpessoal, ocorridas, principalmente, entre alunos. (Abramovay & Avancini, 2004b).

Apesar de as escolas se respaldarem em um regimento para nortear condutas e comportamentos de seus alunos, no sentido de prevenir problemas que redundem em agressões, atitudes inapropriadas, ameaças, atos de violência física e moral, dentre outras situações, essas “normas” não têm conseguido conter a diversidade de atos violentos que originam lesões corporais, insultos, a prática do uso de drogas, tentativas e concretizações de homicídios, ou outros eventos que condizem com alguma tipologia de violência, já descrita na literatura (Minayo, 2005; Charlot, 2002; Derbarbieux & Blaya, 2002).

Contribuindo com discussões e reflexões sobre esse grave problema de saúde pública, a violência escolar tem suscitado investimentos epistemológicos, econômicos e sociais, de modo que se justifica a realização de pesquisas sobre esse objeto complexo para que se descortinem, cada vez mais, como essa violência está sendo produzida, no sentido de se aproximar dos atores que a enfrenta, direta

ou indiretamente.

Oportuno enfatizar a indissociabilidade da educação e saúde resgatando, desse modo, o conceito de ambiente saudável e promotor de saúde, como tão bem está delineado nas Cartas de Promoção da Saúde (Brasil, 2001) e nas diretrizes que fundamentam as Escolas Promotoras de Saúde (Brasil, 2006) ao preconizarem a escola como um espaço de aprendizagem, formação, mediação, construção de vínculos, sendo necessário, nessa consecução, requisitos como paz, lazer, segurança, dentre outros.

Ampliando a importância da inter-relação entre a saúde e a educação a Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil, 2006) reforça a importância de co-habitar em ambientes saudáveis e a necessidade de se desenvolver estratégias para se “trabalhar” a auto-estima, incentivando a responsabilização do indivíduo e coletividade sobre o autocuidado com a saúde. Nessa linha de raciocínio, deve-se investigar sobre fatores intervenientes na busca da promoção da saúde entre as populações e, os eventos violentos e suas repercussões em nível individual e coletivo, constituem-se obstáculos ao desenvolvimento humano.

Nesse sentido, entendendo a dificuldade em conceituar e perceber atos que se configurem como violentos, por ser um fenômeno dinâmico no qual se manifestam comportamentos agressivos dos que insultam e dos que são insultados, identificam-se, também “cargas” emocionais inerentes ao agressor e agredido, as investigações nesta temática são relevantes e pertinentes.

Nessa linha de raciocínio, o estudo investiga a concepção de violência escolar a partir da visão de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, desenvolvida em uma escola da rede pública do ensino fundamental e médio, no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil, sobre a violência na escola, no qual envolve a percepção dos professores sobre esta temática. Esta escola é vinculada a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC) que responde por sua gestão administrativa e pedagógica.

No aspecto organizacional foi reformada, recentemente, e está bem estruturada; seus arquivos e documentos estão organizados e disponíveis para a pesquisa. Possui um acervo bibliográfico, sala de multimeios com atendimento por turmas em horário específico. Dispõe de treze salas de aula, um laboratório de informática, pátio e quadra de esporte que, no momento do estudo, não estava liberada para utilização.

As adjacências da escola se estruturaram com construções de casas populares sendo denominada de “Infernim” e, posteriormente, Conjunto João Paulo II, localizado no bairro Jangurussu também conhecido como Aterro do Jangurussu ou Rampa (como era chamado anteriormente, por ser o aterro sanitário de Fortaleza). A escola recebe os alunos desse bairro e das vizinhanças, no ensino fundamental de 5^a a 8^a séries e alunos do ensino médio. Como a maioria dos bairros periféricos a insegurança está presente e, muitas vezes, os praticantes de delitos são os ex-alunos (ou mesmo alunos) da escola que enveredaram pelo caminho das “drogas ou do crime”.

A etapa da pesquisa que originou este artigo foi dividida em três momentos: (i) reunião com os professores; (ii) entrega de um instrumento de observação para o professor e (iii) recebimento do instrumento e, em seguida, análise do mesmo.

Situando o leitor, no primeiro momento foi realizada uma reunião durante a semana pedagógica da escola, ocorrida na última semana de janeiro de 2006, onde foi escolhido um dia para explanação sobre violência e *bullying* (Minayo, 2005; Fante, 2005; Pereira, 2002) pelo próprio pesquisador (coordenador pedagógico), juntamente com a leitura analítica do regimento escolar sobre os direitos, deveres e proibições do aluno na escola.

Ao se discorrer sobre o regimento da escola detecta-se que há uma preocupação, por parte dos dirigentes e professores, com a violência (ou incivildades, atos de indisciplinas) que tem se manifestado entre os alunos, e enfatiza a necessidade de se despertar uma consciência crítica em prol da paz, resgate da auto-estima, bem como possibilidades de se conceber estratégias para o combate de uma prática violenta.

Nesse ínterim foram divulgados os objetivos do estudo, discutido os preceitos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos (Brasil, 1996), e os professores da escola foram convidados para integrarem a construção deste trabalho.

Dos 38 professores (27 no ensino fundamental e 11 no ensino médio), 26 concordaram em participar, portanto, 12 recusaram sendo prontamente respeitado. Deu-se conhecimento aos participantes do termo de esclarecimento e, os que aderiram, após sua leitura, assinaram o termo livre pós-esclarecido. Também foi entregue aos professores (agora sujeitos do estudo) um instrumento de acompanhamento individual do aluno no qual o professor, durante dois meses, registraria o comportamento percebido como violento dentro da sala de aula, no recreio, orientado pelo regimento escolar e pelas próprias concepções dos sujeitos do estudo.

Esta etapa perdurou durante os meses de fevereiro e março de 2006. Posteriormente os professores devolveram o instrumento, redigido em forma de relatório, sobre os problemas considerados, por eles, como comportamentos violentos e/ou situações de violência, sendo considerado, no trajeto de coleta de dados, como o segundo momento.

Vale ressaltar, que a literatura enfatiza que a escola oferece um ambiente propício para a avaliação emocional das crianças e adolescentes por ser um espaço social relativamente fechado, intermediário entre a família e a sociedade. É na escola onde o desempenho dos alunos pode ser avaliado e onde eles podem ser comparados, estatisticamente, com seus pares, com seu grupo etário e social. (Charlot, 2002).

No terceiro momento, mediante o recebimento dos relatórios, avaliou-se a percepção que os professores detinham sobre violência na escola. Após análise dos dados (Minayo, 2004), mediante leitura flutuante do material, leitura focalizada para identificação das convergências e divergências, ordenação e codificação dos recortes apreendidos dos discursos dos sujeitos, estes foram agrupados em duas categoriais: agressividades e incivildades.

O anonimato e a confiabilidade dos participantes foram respeitados utilizando-se, para tal, a codificação numérica para preservar a identidade dos participantes, respeitando os princípios éticos (Brasil, 1996), sendo o projeto aprovado sob parecer de nº. 101/2006, com registro no Coética – Unifor de nº.06-058.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Caracterização dos sujeitos

A idade média dos professores participantes é de 43 anos, todos são especialistas em alguma modalidade concernente a educação (metodologia do ensino fundamental e médio, psicopedagogia, educação especial, leitura e escrita, etc); apresentam renda média em torno de 4,5 salários mínimos (valor de R\$ 350,00 reais) e possuem um exercício médio de docência, em torno de 22 anos. A maioria reside nas proximidades da escola, quanto ao estado civil tem quatro solteiros, quatorze casados e oito separados. Quanto a naturalidade, 16 são do interior do Ceará e 10 de Fortaleza.

Percepção dos professores sobre violência na escola

Agressividades e incivildades

A caracterização da violência como agressividade foi mencionada por dez (10) dos 26 professores do estudo, sendo referida como: agressão física (05), brigas (04) e empurrões (02). Dos participantes, 16 fizeram alusão à violência como incivildades, mencionando brincadeiras de mau gosto (02); empurrões (02); palavrões (02); esconder objetos (04); apelidos (02); desrespeito ao professor (04) e agressão verbal (03).

Estas concepções vão ao encontro da literatura quando pesquisas realizadas em diferentes contextos salientam comportamentos agressivos, *bullying*, desrespeito nas relações interpessoais envolvendo professor e aluno, aluno e aluno e professores e gestores (Nogueira, 2005; Edward, 2005; Abramovay, 2005).

Moraes *et al* (2005) ao investigarem sobre as várias formas de violência escolar, envolvendo seis escolas da rede estadual, da região metropolitana de Belém, na qual participaram 397 sujeitos entre alunos, pais, professores, equipe

técnica e pessoal de apoio, detectaram que a violência evidenciada, foi, principalmente, quanto ao patrimônio da escola e agressões físicas envolvendo brigas entre os alunos. Agressões verbais e humilhações, também foram citadas como presentes na escola, assim como um alto índice de gravidez na adolescência e discriminação sexual.

Na percepção dos professores deste estudo não foram citados questões de gênero, violência sexual, nem tampouco foi ventilado a gravidez na adolescência como tendo alguma relação com violência na escola, ao contrário dos achados de Moraes *et al* (2005).

Neste trabalho, a convivência com a violência dentro da escola foi confirmada pela maioria dos professores que afirma ter identificado, em seu cotidiano, alguma forma de violência. Estes expressaram, em seus discursos, concepção de violência atribuída as agressões físicas e verbais, comportamento agitado e falta de respeito entre os alunos, que originam, muitas vezes, mais violências. Acrescentaram que o aluno vitimado não deixa impune o agressor.

“Tive que conter dois alunos porque estavam esmurrando-se”. (Professor 5).
“Eles costumam brincar de se esmurrar, chutar, podendo se machucar seriamente no intervalo”. (Professor 1). *“Somente algumas brincadeiras de mau gosto por parte de alguns alunos: como apelidos que deixam alguns colegas constrangidos, correr e empurrar o colega para ser o primeiro da fila ou para pegar a cadeira da frente, colocar o pé para que o colega tropece esconder o material escolar ou os chinelos, malhar os colegas, etc.”. (Professor 2).*

Esses tipos de comportamentos agressivos, que ocorrem nas escolas entre os alunos, muitas vezes admitidos como naturais, são habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais. A literatura concebe esse

comportamento agressivo e intimidatório como *bullying* e o conceitua como uma forma de afirmação de poder interpessoal (Neto, 2005; Nogueira, 2005; Fante, 2005).

O bullying acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais, e não está restrito a nenhum tipo determinado de escola. Por violência entre pares entende-se maus-tratos, opressão, intimidação e ameaças que ocorrem de forma intencional e repetida. Isso inclui gozações, apelidos maldosos e xingamentos que magoam profundamente a criança e podem causar sérios prejuízos emocionais, como perda de auto-estima e exclusão social. (Nogueira, 2005, p.101).

Reafirmando a globalização do fenômeno, Gotzens (2003) ressalta que, em estudos realizados na Espanha e em outros países, os resultados confirmam a preocupação dos professores com os problemas de disciplina escolar; alguns ficam tão ansiosos que chegam a abandonar sua atividade profissional.

Tornando a discussão controversa e paradoxal, Charlot (2006), ao prefaciar a obra, *Cotidiano das escolas: entre violências*, realizada por pesquisadores da UNESCO, faz alusão a complexidade de se enquadrar todos os tipos de comportamentos dessa juventude, em algum tipo de violência. Este estudioso ainda suscita reflexões sobre se a sociedade não está ampliando o conceito de violência, de tal maneira, que toda e qualquer reação esboçada entre alunos, anteriormente vista como uma oportunidade de defesa e crescimento individual e coletivo passou a ser “entendida” como violência.

Reafirmando a preocupação do autor, Nogueira (2005) enfatiza que observou em suas pesquisas que, esporadicamente, algumas crianças fazem brincadeiras inofensivas e utilizam palavras e comportamentos inadequados durante suas brincadeiras, e isto nem sempre pode ser caracterizado como bullying. É

preciso se avaliar a intensidade e o significado dessas atitudes. A observação constante e a parceria entre escola e família são cruciais para a possível eliminação de tais comportamentos (Nogueira, 2005, p.101). Nessa perspectiva, faz-se necessário exercer com parcimônia o “enquadramento dos casos” para não rotular de patológico todos os casos de violência entre pares.

Nogueira (2005) ao discorrer sobre *bullying* na escola e como o professor pode identificar esse fenômeno, alerta que os agressores geralmente acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação errônea, a ser o centro das atenções. Aparentam ser crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos e que passam a repetir um comportamento aprendido de autoridade e de pressão. Tanto as vítimas, quanto os agressores, necessitam de auxílio e de orientação.

Neste estudo encontra-se depoimento que se aproxima da compreensão do *bullying*: *“A aluna é muito agressiva em relação a tudo que se fala com ela. A própria irmã da mesma confirmou na reunião de pais e mestre que ela age igualmente com a família em casa”*. (Professor, 12).

Continuando com o pensamento da autora, citada anteriormente, esta acrescenta que os demais alunos se configuram como observadores da violência, esses passam a conviver com ela, se calam ou não são valorizados em suas observações por pais e professores. Dessa forma, temem tornarem-se alvos, e podem sentir-se incomodados e inseguros. (Nogueira, 2005).

Silva (2002), ao discorrer sobre violência escolar em um de seus trabalhos, afirma que, muitas vezes, ao tentar fugir dos padrões autoritários a família não consegue estabelecer novos padrões e limites na educação dos filhos. Na fase da adolescência, a ausência de clareza, a desorientação, enfim, torna-se um

complicador para os jovens. A total liberdade, que a família assegura aos seus filhos, acaba levando-os à perda de referências significativas, o que lhes complica o desenvolvimento e o amadurecimento psicológicos.

“As alunas tiveram atitudes agressivas uma com a outra com palavrões rudes, com desrespeito a professora, por causa do trabalho de equipe com a colega que não gostou da maneira que ficou o trabalho na cartolina”. (Professor 8).

No ambiente escolar, as incivildades muitas vezes ganham o contorno de comportamentos desafiantes por parte de alunos que procuram a visibilidade, provocando as autoridades - o que é constatado no dia-a-dia das escolas. (Abramovay, 2006).

Sabe-se que o ambiente escolar é um lugar de aprendizagem e de disciplina, mas atualmente a vida na escola é alterada pela atitude dos alunos que tem problemas de comportamento violento, o que o leva a infringir de diferentes formas a disciplina, a acusar os seus colegas e professores, interferindo no processo de ensino-aprendizagem.

“Os alunos apresentam um comportamento muito agitado com desrespeito aos colegas e aos professores. Eles brigam, mexem nas coisas dos colegas, fala palavrões, sujam a sala de aula conversam na hora da aula e não fazem as atividades de classe e nem a de casa. Dessa forma eles atrapalham o andamento escolar e dos alunos em geral e principalmente o dele”. (Professor 9).

Gonçalves *et al* (2005) ao relatarem experiência com a educação permanente de professores do ensino fundamental, em Porto Alegre, dizem que existe grande perplexidade da parte do professor que, muitas vezes, fica sem saber como agir para resolver e prevenir os múltiplos conflitos que surgem no cotidiano escolar. O que se observa é que, na maioria das vezes, eles têm muitas dificuldades

de lidar com as situações de conflito, de forma a propiciar ao aluno experiências educativas de interação social construtiva que favoreçam a sua formação ética e minimizem a violência na escola. (p.636).

“O aluno apresenta um comportamento muito agitado, com desrespeito aos colegas e a mim, professora. E mesmo sendo chamado a atenção, ele não obedece. Não faz as atividades tanto de casa como as de classe e nem fica atento durante as explicações, permanecendo em sala de aula sempre fazendo brincadeiras de péssimo gosto. Dessa forma ele atrapalha o desenvolvimento das aulas e dos alunos em geral e principalmente o seu. O aluno precisa ser conscientizado da maneira como deve estar no ambiente escolar e da responsabilidade que deve ter com seus estudos”. (Professor 20).

A escola está passando por uma crise relacionada à socialização, e ela tem enfrentado dificuldades na transmissão das normas e dos valores gerais da sociedade. Além disso, o manejo de classe nas mãos exclusivamente do professor e os alunos em posição de obediência e subalternidade, perdeu-se no tempo. E é neste contexto atual que a indisciplina entra como protagonista podendo ser entendida como resistência, ousadia e inconformismo dos alunos. (Camacho, 2001).

Silva (2002) ao investigar professores e alunos de seis escolas da Rede Municipal da Cidade de São Paulo se esses percebiam violência no âmbito escolar e, em caso positivo, de que forma esta violência se manifestava, a resposta foi unânime de que a escola era um espaço de violência. As razões apresentadas foram surpreendentes, uma vez que algumas atitudes, desenvolvidas entre professor/aluno e entre os alunos, não chegam a ser percebidas como atitudes violentas, como por exemplo: falta de diálogo entre os alunos, entre professores e alunos, falta de companheirismo, falta de educação doméstica, mas especialmente,

pelo desrespeito dos professores para com os alunos.

Neste estudo, os sujeitos aludiram, de maneira enfática, sobre os comportamentos agressivos que são exteriorizados no contexto escolar. Estudiosos apontam que existe uma relação desse tipo de comportamento com violência sofrida em outros ambientes, salientando o familiar e o modo de ser “educado” por meio da punição (Maldonado & Williams, 2005).

Como essas situações de conflitos podem favorecer o estresse e exigir mecanismos de enfrentamentos, não raro há manifestações de adoecimento entre os atores, afetando a relação professor – aluno e abalando a saúde de ambos. Minayo (2005) salienta, tanto em nível individual como coletivo, as sérias repercussões da violência à saúde humana, ambiental e social.

“Essa turma apresenta várias dificuldades e em relação ao comportamento são agressivos chegando a baterem uns nos outros. Existe um aluno que é agressivo em tudo que faz e tenho dificuldades em trabalhar com ele em sala de aula, já fui até para o cardiologista por causa dele”. (Professor 4).

Itani (1998) enfatiza que, na realidade, os professores são em si objetos da violência nas relações de trabalho, suscetíveis a pressões e conflitos decorrentes dessas relações desiguais. Às vezes, o professor vive a experiência da desmoralização de seu trabalho, com a imposição contínua de mudanças no sistema de ensino, e, como vem sendo discutido na literatura (Minayo, 2005; Brasil, 2006; Buss, 2000) esses incidentes carregam sérias repercussões na saúde.

Dentre os fatores que podem contribuir para os atos de violência dentro e fora do espaço escolar, pode-se destacar a falta de autoridade dos superiores e docentes, o comportamento agressivo dos alunos e também a educação desses alunos no ambiente familiar que se estende ao escolar.

Há no geral uma grande incidência de violência verbal e comportamento agressivo em que podem estar implícito um pedido de socorro e uma necessidade de pertença a um contexto que o aluno possa visualizar e experimentar aconchego e valorização pessoal. Estudos (Maldonado & Williams; 2005; Castro, 2005) chamam a atenção para a sensibilidade que os profissionais devem ter face á essas questões.

Esse relato concorda com estudos de Charlot (2002) quando afirma que a agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração inevitável (quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva a angústia e à agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal (*agredire* é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo), enfatiza-se o uso do poder, da força e da dominação.

Contudo, diante da constatação da violência na escola ou da escola, vale enfatizar que uma prática dialógica tendo com um dos ingredientes a escuta, o envolvimento dos protagonistas, incluindo-se família e comunidade, é uma trilha a ser percorrida na transformação desses ambientes adversos em espaços de construção de uma cultura da paz, da solidariedade, do respeito mútuo e do resgate da auto-estima e da cidadania.

Importante referir experiências exitosas na diminuição e prevenção da violência escolar, como Programas desenvolvidos em escolas no Rio de Janeiro, Recife, bem como em outros países da América Latina, os quais são centrados e orientados por práticas dialógicas, participativas e coletivas (Ortega & Del Rey, 2002; Pintus, 2005; Díaz-Aguado, 2005; Abramovay, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção dos professores de uma escola de ensino fundamental e médio, da rede pública estadual, convergiu para as categorias, cognominadas, de agressividades e incivildades. Esta percepção está em acordo com a literatura pertinente ao tema e requer investigações contínuas em que se possa diversificar e evidenciar a “voz” das pessoas que protagonizam o cenário da violência escolar: alunos, família, escola, comunidade.

O comportamento agressivo, evidenciado, na escola é uma extensão do ambiente familiar, onde a educação transita em pólos, muitas vezes, contraditórios e maléficos para a formação psicoemocional e relacional, foi salientado pelos professores do estudo.

Os sujeitos trouxeram à tona, em seus discursos, situações que podem ser consideradas como *bullying*, que é um fenômeno mundial e tem significações históricas e culturalmente contextualizadas. Oportuno reforçar que a escola é e precisa continuar sendo um espaço co-promotor de ensino-aprendizagem, formação de valores e de fomento a construção de uma cidadania responsável.

Abordar a violência e suas possibilidades de prevenção deve ser considerado junto aos professores, pais, alunos, e a sociedade como um todo questão urgente no sentido de multiplicar ações que possibilitem reconhecer e trabalhar em prol dessa mudança. Por ser um tema complexo e multifatorial, não pode ser discutido isoladamente, haja vista que seus efeitos transcendem territórios, culturas, decisões políticas, econômicas e sociais, afetando a todos, portanto, exige engajamento coletivo e responsável.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVAY, M. Escolas de paz. Brasília: UNESCO; Governo do Estado do Rio de Janeiro; Secretaria de Estado de Educação; Universidade do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 28 nov. 2006.
2. ABRAMOVAY, M. et al. (organizadora). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 28 nov. 2006.
3. ABRAMOVAY, M. Violencia en las escuelas: un grand desafío. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.38, p.53-66, Jan/abril, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a03.pdf> >. Acesso em: 05 dez. 2005.
4. ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M.F. Educação e incivilidade, 2004a. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>> Acesso 28 nov 2006.
5. ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M.F. **Violência na escola**: o caso Brasil, 2004b. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>> Acesso 28 nov 2006.
6. ARENDT, H. **Da violência**. Brasília: UNB, 1970.
7. ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: MINAYO, M.C. de S.; SOUZA, E.R. **Violência sob o olhar da saúde**: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.163-198.
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução n.196. **Diretrizes e Normas Técnicas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

9. BRASIL. Ministério da Saúde. **Declaração de Alma-Ata. Carta de Ottawa. Declaração de Adelaide. Declaração de Sundsvall. Declaração de Santa Fé de Bogotá. Declaração de Jacarta. Rede de Megapaíses. Declaração do México.** Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
10. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências.** Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
11. BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Secretaria de Educação Especial. Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. A Fundamentação Filosófica.** Coordenação Geral SEESP/MEC. (organização). Maria Salete Fábio Aranha. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
12. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de promoção da saúde.** Brasília: Editora MS, 2006.
13. BUSS P.M. Promoção da Saúde e qualidade de vida. **Ciênc. Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.163-177, 2000.
14. CAMACHO, L.M.Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1, p. 123-140, jan./jun., 2001.
15. CASTRO, C.T. "Jóvenes y violencia". **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 37, Jan/abril, p.55-92, 2005.
16. CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, ano 4, n.8, jul/dez, p. 432-443, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> . Acesso em: 12 mar. 2006.
17. DERBABIEUX, E.; BLAYA, C (organizadores). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 28 nov. 2006.
18. DÍAZ-AGUADO, M.J. Por qué se produce la violencia escolar y cómo

- prevenirla. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p.17-47, 2005.
19. DUARTE, J.D. Comunicação y convivencia escolar en la ciudad de medellín, colombia. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p. 135-154, 2005. Disponível em: <<http://www.rinace.net/biblioteca.>> .Acesso em: 10 jan. 2006.
20. EDWARD. E.G. Cine para reflexionar violencia y educadores. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p. 155-172, 2005.
21. FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.
22. GONÇALVES, M.A.S.; PIOVESAN, O.M.; LINK, A; PRESTES, L.F.; LISBOA, J.G. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, set./dez, p. 635-658, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a06n126.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2006.
23. GOTZENS, C. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
24. GUERRERO, M.M.; LOBERA, I.J. La violencia escolar em los textos periodísticos. *Revista Iberoamericana de Educación*, nº 38, p.105-119, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a06.pdf>> .Acesso em: 10 jul. 2006.
25. GUIMARÃES, Á.M. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambigüidade. Campinas: Autores Associados, 1996.
26. ITANI, A. A violência no imaginário dos agentes educativos. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n.47, dez, 1998.
27. MALDONADO, D.P.A. do; WILLIAMS, L.C. de A. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência

- doméstica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez. 2005.
28. MICHAUD, Y. **A violência**. 1ª ed. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 1986.
29. MINAYO, M.C. de S. **Desafio do conhecimento**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2004.
30. MINAYO, M.C. de S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Cap. 1, p.9-42.
31. MORAES, C.R. de.; AZEVEDO, A.M.; TEIXEIRA, M.C.S. As diversas formas de violência no ambiente escolar: retratos de uma experiência. 2005.
32. NETO, A.A.L. Bullying, comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.81, n.5 (Supl), 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: dez. 2005.
33. NJAINE, K.; MINAYO, M.C. de S. Violência na escola: identificando pistas para prevenção. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-34, ago, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 12 out. 2006.
34. NOGUEIRA, R.M. Del P. de A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p.93-102, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie37a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2006.
35. ORTEGA, R.; DEL REY, R. Estratégias Educativas para a prevenção da Violência. UNESCO, Brasília, 2002.
36. PEREIRA, B.O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian,

- 2002.
37. PINTUS, A. Violencia en la escuela: compartiendo la búsqueda de soluciones. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.37, p.117-134, 2005. Disponível em: <<http://www.rinace.net/biblioteca.>> . Acesso em: 10 jan. 2006.
38. RISTUM, M; BASTOS, AC de S. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.9 n.1 p. 225-239, 2004.
39. SILVA, A.M.M. Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores 2002. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida2.htm>> . Acesso em: agosto 2006.
40. WAISELFSZ, J.J. Mapa da violência 3 – Os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna e Ministério da Justiça, 2002. Disponível em: <<http://unesco.org.br>> . Acesso em: dez. 2005.

Agradecimentos:

Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aloysio Barros Leal.

Este trabalho contou auxílio material e financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, entidade governamental brasileira promotora do desenvolvimento científico e tecnológico. Processo n. 504458/2004-3.

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA NA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO, FORTALEZA, CEARÁ***

**VIOLENCE IN PUBLIC SCHOOL FROM THE STUDENT'S VIEW IN A
FUNDAMENTAL AND MIDDLE SCHOOL IN FORTALEZA, CEARÁ**

Carlos Alberto Pereira de Abreu¹

Luiza Jane Eyre de Souza Vieira¹

Violência em escola de ensino fundamental e médio

ABREU, C.A.P.; VIEIRA, L.J.E. de S.

Centro de Ciências da Saúde. Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza, Unifor. Av. Washington Soares, 1321, Bloco S, sala 01. Fortaleza, CE. CEP: 60.811-905.

Correspondência:

Carlos Alberto Pereira de Abreu. Rua: Floriano Peixoto, 1251 Centro. CEP: 60.025-131. Fortaleza, Ceará, Fone: 32214464 Email: carlusalberto65@yahoo.com.br.

* Compilado da dissertação Violência na escola desafiando a promoção de um ambiente saudável (ABREU, C.P. de) apresentada à Universidade de Fortaleza, em 2006. Contou com auxílio material e financeiro do CNPq. Processo n. 504458/2004-3.

Revista: Cadernos de Saúde Pública

Resumo

Objetivo: Relatar as situações de violências na escola a partir do entendimento de alunos do ensino fundamental e médio de uma Escola Pública, em Fortaleza, Ceará.

Métodos: Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo, realizado com 935 alunos do ensino fundamental e médio de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará, em 2006. A coleta de dados foi realizada mediante questionário auto-aplicado, previamente testado e estes foram analisados pelo programa SPSS, versão 13.0, discutido à luz da literatura pertinente ao tema. O estudo foi aprovado no coética da Universidade de Fortaleza sob parecer 101/2006.

Resultados: Dos 935 alunos 65,6% já presenciaram alguma situação de violência; desses, 41,0% afirmaram ter sido na escola, contudo, 44,3% opinaram que existe violência na escola. Entre os sujeitos, 40,1% afirmaram ter sofrido agressão na escola, sendo que 41,3%, a classificaram como física e 7,53%, incivildades. Dentre os motivos que levaram a agressão, sobressaíram-se apelidos (52,21%) e agressão física (31,25%). Sobre a questão de arma e droga, 38,4% e 32,7% confirmaram ter visto esses itens dentro da escola.

Conclusão: A violência na escola é uma realidade, armas e drogas ameaçam esse espaço e, são na verdade, grandes fatores que interferem na consecução de um ambiente saudável.

Palavras-chave: Violência na escola, armas, drogas, promoção da saúde.

Abstract

Objective: The objective of this study is to relate the situation of violence at school, from the understanding of the students of the Fundamental and Middle Public School in Fortaleza, Ceará.

Methods: This is a descriptive and quantitative study, carried out with 935 students of Fundamental and Middle Public State School, in Fortaleza, Ceará, in 2006. The data was collected by a self-applied questionnaire, previously tested and analyzed by SPSS, version 13.0, according to the existing literature on the topic. The study was approved and registered in Coética of University of Fortaleza, under number 101/2006.

Results: Out of those 935 students, 65,6% of them had witnessed violence; 41,0% of them affirmed they had witnessed violence at school. 44,3% attested that exist violence at school. 40,1% declared they had been victim violence. 41,3% of them had been victim of physical aggression and 7,53% had been victim of bullying at school. Among the motives that led to aggression, nicknames were the main form of aggression (52,21%) and physical aggression (31,25%). About the weapons and drugs, 38,4% and 32,7% respective confirmed the have seen them at school.

Conclusion: School violence is real. Weapons and drugs threaten the school environment, and interfere in the consecution of a healthy school environment.

Key words: school violence, weapons, drugs, healthy promotion.

INTRODUÇÃO

A violência escolar, nas últimas décadas, alcançou crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna questão preocupante em virtude de sua grande incidência que se manifesta em todos os níveis de escolaridade (FANTE, 2005).

Este termo diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, incivildades, atos criminosos, agressões físicas, dentre outros (Neto, 2005), que se manifestam entre alunos, professores, dirigentes, familiares, comunidade, ou seja, entre os atores sociais da escola (ABROMOVAY, 2002, 2005, 2006).

A literatura também se reporta à violência escolar como *bullying*. Palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, referenciado pela psicologia anglo-saxônica nos estudos sobre violência escolar (FANTE, 2005).

Este problema é urgente, preocupante e requer investigações e tomada de decisão, tanto em nível micro como macro-social. Neste sentido, Liberal *et al* (2005) retrata que os jovens em idade escolar tendem a passar aproximadamente quase que metade do dia na escola ou no caminho em direção a esta. A segurança no espaço escolar, no que tange ao ambiente físico, emocional e psicológico, é objeto de constante preocupação de responsáveis, professores e direção da escola, por causa da multiplicidade de atos violentos de que são vítimas alunos e professores.

Sabe-se que muitas dessas situações são provocadas por fatores internos, cujas intervenções podem estar diante da competência e capacidade das entidades de ensino e da consciência dos alunos e funcionários, o que se pode supor que a solução pode ser obtida no próprio ambiente escolar, a partir de uma prática

dialógica, motivadora, relacional e que perceba o protagonista maior, o aluno, como sujeito do processo educativo. Esse pensamento é fortalecido pelos estudiosos da temática Fante (2005), Abromovay (2006), Castro (2005) e órgãos governamentais.

De acordo com uma abordagem comportamental do fenômeno, ressalta-se que essas situações consideram as microviolências e macroviolências na dinâmica da escola. Diante dessa assertiva, se aceita, portanto, uma visão extensa da violência escolar que, de acordo com Abromovay e Avancini (2004), incorpora a violência física, simbólica e as incivildades.

A violência física é aquela que pode matar, e consiste em ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismo, tráfico de drogas, violência sexual. (Abromovay e Avancini, 2004). A simbólica refere-se ao abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade, como a violência verbal e também a violência institucional, a marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder (ABROMOVAY e PINHEIRO, 2003).

As incivildades caracterizam-se pelas microviolências, humilhações, falta de respeito. Esse tipo de violência se caracteriza como violência não física, sendo estas, ofensas verbais, discriminações, segregações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento (MARRIEL et al, 2006).

Percebe-se que a violência institucional escolar principalmente as incivildades, são acontecimentos corriqueiros e arraigados na prática educacional (MARRIEL et al, 2006), e solicitam modificações no âmbito social, já que faz parte do processo de ensino e aprendizagem nas ações civilizatórias da escola, o que contribui para a sua autenticidade na espera de resolver os conflitos internos.

Compreendendo as diferentes formas de violência como graves obstáculos ao

pleno desenvolvimento dos 35 milhões de adolescentes entre 10 e 19 anos no País, considerando que é justamente nesse grupo (que no ano 2000 correspondeu a 21% da população brasileira) que as manifestações da violência provocam mais impacto (ASSIS et al, 2005).

Ressalta-se que são os adolescentes e jovens os que mais morrem por agressões e também são os mais apontados como autores de agressões no País e na América Latina (CASTRO, 2005, NOGUEIRA, 2005).

Acreditando que a escola é um ambiente que favorece e promove uma formação global, e que seus ensinamentos perpassam os construtos da saúde física e social, a violência que se materializa em seu espaço, quer assuma a conotação física, simbólica ou de incivildades, requer investigações que possam responder aos anseios da sociedade escolar e civil, como um todo.

Defendendo o referido pressuposto, o estudo descreve as situações de violências na escola a partir da percepção de alunos do ensino fundamental e médio de uma escola pública estadual.

MÉTODOS

O estudo é descritivo, quantitativo, realizado com alunos do Ensino Fundamental e Médio de uma Escola Pública Estadual em Fortaleza, Ceará, vinculada a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC), que responde por sua gestão administrativa e pedagógica.

A população em estudo constitui-se de alunos matriculados em julho de 2006, e esta compõe um universo de 1.453 alunos distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite. Visando identificar lacunas quanto a compreensão das perguntas do instrumento de coleta de dados, um questionário com 29 itens, este foi

testado com 10 alunos, escolhidos de forma aleatória, no turno da manhã, em diferentes salas. O instrumento sofreu ajustes quanto a terminologia usada, ordem das perguntas e redação dos enunciados, para melhorar a clareza e objetividade.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão que os alunos estivessem regularmente matriculados, que estivessem presentes na semana da aplicação do instrumento de coleta e concordassem, espontaneamente, em participar da pesquisa. Excluíram-se os ausentes, os que não se dispuseram a participar.

Os questionários foram aplicados nas 38 turmas da escola (13 de manhã, 13 de tarde e 12 à noite), no período de uma semana, no mês de setembro, pelos professores da escola que já conheciam os objetivos do estudo e, alguns deles, tinham participado da primeira etapa deste trabalho, quando se investigou a percepção dos mesmos sobre violência na escola.

Os alunos menores de 18 anos tiveram a autorização dos responsáveis para a concordância e participação da pesquisa através de um termo de consentimento livre e pós-esclarecido assinados pelos pais, durante uma reunião de pais e mestres e após esclarecimento, coletivo, da pesquisa sobre violência na escola. Vale ressaltar que alguns pais aplaudiram a escola pela oportunidade de se discutir tema sério e que é motivo de preocupação de muitos pais.

O questionário foi de caráter anônimo, auto-aplicado com 29 questões fechadas. Destas, 08 versavam sobre dados sociodemográficos, 05 sobre tipos de violência e o ambiente de ocorrência, 12 quesitos eram sobre potenciais fatores para a violência na escola e 04 sobre a prevenção dos atos de violência. Neste artigo faz-se um recorte da descrição das situações de violência presenciada ou praticada por alunos do ensino fundamental e médio, de uma escola pública e fatores em potencial para a violência no âmbito escolar.

Para análise, inicialmente foram lidos todos os questionários respondidos, organizados e (re) categorizadas as respostas que provinham das questões com a alternativa outro(a), e, após este procedimento, foram inseridos no programa Statistical Package Social Science – SPSS, versão 13.0 for Windows (SPSS Inc., Chicago, USA), para o cálculo das freqüências das variáveis que respondem aos objetivos do estudo.

As variáveis sociodemográficas foram representadas por: sexo, idade do aluno (10-14 anos, 15-18 anos, 19 anos ou +), escolaridade (ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos - EJA), período que estuda, renda familiar (até 1 salário mínimo, de 1 a 3, de 4 a 6 e de 6 salários ou +) e situação familiar.

Esclarece-se que a opção por pesquisar esses dados em turmas de alunos a partir da 6ª série, em acordo com Abramovay (2006), é porque nesse grupo eles “já possuem trajetória e vivência na escola, sendo capazes de fornecer uma visão mais orgânica sobre o fenômeno”.

A variável ambiente foi classificada em: na escola, em casa, na rua e outros locais. De acordo com as respostas obtidas os tipos de violências e os motivos que levaram a agressão foram recategorizados.

Os *tipos* de violência, na percepção dos alunos, foram listados em: (i) agressão física - empurrões, brigas, derrubar, bater, dar murro e chute; (ii) agressão verbal - xingamentos, palavrões, acusar de furto; (iii) sexual - abuso do corpo e praticar sexo a força; (iv) incivildades - brincadeiras de bater ou de mau gosto, colocar apelidos, jogar suco nos outros e (v) ameaças - de morte, de brigas, de agressões com objetos do tipo pedra e caneta.

Quanto os *motivos* que levam as situações de violência, foram organizados em: (i) violência interpessoal - desrespeito ao professor e ao colega,

desentendimentos, pegar primeiro a cadeira da frente; (ii) brincadeiras de mau gosto - de bater, esmurrar ou chutar, jogar papel no colega; (iii) agressão física - esmurrar, chutar, bater, esbarrar no colega; (iv) furtos - esconder ou pegar algum objeto do colega; (v) apelidos - xingamentos, palavrões e (v) outros motivos - divergências esportivas, separação de brigas, atentado ao pudor.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, Unifor, subscrevendo-se com parecer de n.101/2006.

RESULTADOS

Dos 1.453 alunos regularmente matriculados, no período do estudo, 935 participaram da pesquisa. Essa diferença deu-se pela ausência de 515 alunos na semana de aplicação dos questionários e três questionários não respondidos.

Caracterizando os participantes do estudo, do total de 935 alunos, 381 (40,7%) são do sexo masculino e 551 (59%) do sexo feminino; a maioria dos estudantes, 55,8% estava na faixa etária de 10 a 14 anos, seguida das faixas de 15 a 18 com 273 (29,2%) alunos; a faixa de 19 anos ou mais, registrou 140 (15,0%) alunos. As distribuições de alunos no turno da manhã (40,3%) e tarde (38%) não apresentaram diferença significativa; o turno da noite teve a menor participação totalizando um percentual de 21,7%.

Dentre os participantes, 67% referiram renda familiar de até um salário mínimo; 22,4% uma renda de 1 a 3 salários, 3,3% afirmaram dispor de renda de 3 a 6 salários e, menos de 1% dos alunos afirmou possuir renda familiar de 6 ou mais salários. Sobre a situação escolar 218 (23,3%) alunos se colocaram como repetentes; 702 (75,1%) negaram esta condição e 15 (1,6%) não responderam ao quesito (Tabela 1).

Quanto a situação familiar, ao se questionar se os pais dos alunos eram separados, 593 (63,4%) negaram, 330 (35,3%) confirmaram separação de seus pais, 2 (0,2%) afirmaram a condição de viuvez e 10 (1,1%) não responderam este item. Aprofundando o conhecimento sobre a situação familiar dos participantes, perguntava-se com quem o aluno morava, quando seus pais eram separados.

Apesar de 35,3% confirmarem a separação entre os pais, 697 alunos, portanto, 74,5% também responderam com quem moravam. Dessa forma, 25,2% responderam que moravam com o pai, mãe e irmãos, 34,3% moravam com o pai ou com a mãe e irmãos, 7,0% estavam inseridos em uma família ampliada (pai, mãe, irmãos, tios, avós) e 7,8% com cônjuge, amigos ou pessoas significativas.

Tabela 1 – Características sociodemográficas de escolares do ensino médio e fundamental de uma escola pública. Fortaleza, Ceará, 2006 (n = 935).

Características	N	%
Sexo		
Masculino	381	40,7
Feminino	551	59,0
Não respondeu	03	0,3
Faixa etária (anos)		
10-14	522	55,8
15-18	273	29,2
19 ou +	140	15,0
Período		
Manhã	377	40,3
Tarde	355	38,0
Noite	203	21,7
Série		
Ensino Fundamental	596	63,6
Ensino Médio	180	19,2
EJA	158	17,0
Não respondeu	01	0,2
Renda familiar (salários mínimos)		
Até 1	626	67,0
1-3	209	22,4
4-6	31	3,3
6 ou +	07	0,7
Não respondeu	62	6,6

Ao se perguntar quantos alunos tinham presenciado violência, dos 935 respondentes, 613 (65,6%) afirmaram que sim, 305 (32,6%) negaram e 17 alunos

(1,8%) não responderam.

Alguns alunos, apesar de terem respondido que não tinham presenciado violência, no próximo quesito, “assinalaram” um local onde “presenciou violência”. Ressalta-se que em vários questionários, este quesito apresentou mais de uma resposta. Desse modo, quando indagados onde essa violência tinha acontecido 348 (41,0%), afirmaram ter sido na escola, 387 (45,7%) no seu bairro, (incluindo aqui a via pública), 75 (9,0%) na própria casa, 25 (3,0%) em seu lazer e 11 (1,3%) em outros espaços - banco, hospital, mercado, igreja. (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos alunos que presenciaram violência de acordo com o local da agressão. Fortaleza, Ceará, 2006. (n=613)

Local	N	%
No bairro	387	45,7
Na escola	348	41,0
Em casa (domicílio próprio)	75	9,0
No lazer	25	3,0
Outros locais	11	1,3

Ao se perguntar a opinião do aluno sobre se existe violência na escola, dos 935 participantes, 463 (44,3%) alunos responderam que sim, 35 (3,3%) que não; 412 (39,5%) disseram às vezes, 68 (6,5%) citaram raramente; 45 (4,3%) alunos afirmaram que não sabiam e 22 (2,1%) não responderam esta questão.

Ressalta-se que em vários questionários, este quesito apresentou mais de uma resposta, como por exemplo: “*sim, raramente*”, “*sim, às vezes*”, “*não, não sei*”, “*raramente, não sei*”, ou seja, ultrapassando o número da amostra (935).

Indagando-se ao aluno se este já tinha escutado, dentro da escola, alguém dizer “vou te pegar lá fora”, 560 (59,9%) respostas foram afirmativas, 334 (35,7%), negativas e, 41 (4,4%) participantes não responderam. Porém, ao se questionar se “você já se vingou de quem te agrediu?”, 685 (73,3%) negaram e 198 (21,2%)

confirmaram.

Quando estes foram questionados se já tinha sofrido agressão dentro da escola 375 (40,1%) confirmaram, 545 (58,3%) negaram e 15 (1,6%) não responderam.

Dos alunos que sofreram a agressão, perguntaram-se quais os tipos de violências que eles haviam sofrido dentro da escola, (os alunos que negaram ter sofrido agressão, também colocaram os tipos de violência que eles “poderiam ter sofrido”) e os alunos apontaram mais de uma resposta.

A agressão física foi respondida por 258 (41,3%); a agressão verbal contou com 230 (37,0%) pronunciamentos, ameaça com 65 (10,5%), incivildades 47 (7,5%), sexual 13 (2,0%) e 11 (1,7%) alunos salientaram que existem agressões com objetos. (Tabela 3).

Tabela 3 – Tipos de violências que ocorrem na escola, a partir das respostas de alunos do ensino fundamental e médio. Fortaleza, Ceará, 2006.

Tipos	N	%
Agressão Física	258	41,3
Agressão Verbal	230	37,0
Ameaça	65	10,5
Incivildades	47	7,5
Sexual	13	2,0
Agressão com objetos	11	1,7

Quanto ao motivo que levou os alunos cometerem violência os apelidos foram citados por 259 (48,5%) alunos, agressão física por 155 (29,0%), rixas interpessoais por 52 (9,8%), furtos por 34 (6,4%), brincadeiras de mau gosto por 22 (4,1%) e 12 (2,2%) alunos por outros motivos, incluindo separação de brigas e divergências durante as atividades esportivas. (Tabela 4).

Tabela 4 – Motivos que levaram a violência dentro da escola. Fortaleza, Ceará, 2006.

Motivos	N	%
Apelidos	259	48,5
Agressão física	155	29,0
Rixas interpessoais	52	9,8
Furtos	34	6,4
Brincadeiras de mau gosto	22	4,1
Outros	12	2,2

Ao se investigar se esses alunos já tinham usado algum tipo de “material” que pudesse machucar o colega no momento de uma “agressão” 781 (83,5%) negaram, 90 alunos (9,6%) confirmaram o uso de “algum material” e 64 (6,9%) não responderam este quesito.

Ao se questionar, “você já viu aluno entrar na escola com arma?”, 359 (38,4%) responderam que sim, 553 (59,1%) que não e 23 (2,5%) não responderam.

Ao solicitar que dissessem o tipo de arma presenciada e/ou usada na escola às respostas ultrapassaram os números referidos anteriormente sobre se presenciou (359) ou se já utilizou “algum material” que pudesse se configurar como arma (90).

Assim sendo, dentre as armas vistas com mais freqüência os alunos salientaram: o estilete 233 (39,2%), a faca 127 (21,4%), a arma de fogo 93 (15,6%). Vale acrescentar que 83 (14,0%) alunos consideraram a caneta como um tipo de arma.

Quanto a usar arma dentro da escola em alguma situação de violência, 41 alunos (24,5%) utilizaram o estilete, 37 (22,0%) a caneta, 30 (17,8%) arma de fogo e 20 (12,0%) a faca. Também foram citados como arma *pau*, *punhal*, *papel* (bolas de papel molhadas e com pedras), *l* e as *mãos* e *braços* (Tabela 5).

Tabela 5 – Tipos de “armas” presenciadas e usadas nas agressões entre escolares do ensino fundamental e médio. Fortaleza, Ceará, Brasil, 2006.

Tipos de “armas”	Presenciou		Usou na agressão	
	N	%	N	%
Arma de fogo	93	15,6	30	17,8
Faca	127	21,4	20	12,0
Vidro	12	2,0	05	3,0
Pau	28	4,7	12	7,1
Caneta	83	14,0	37	22,0
Estilete	233	39,2	41	24,5
Anel com ponta	07	1,1	--	--
Espada	06	1,0	--	--
Punhal	06	1,0	01	0,5
Pedras	--	--	02	1,2
Papel	--	--	09	5,4
Membros Superiores*	--	--	11	6,5

Ao perguntar se o aluno já tinha presenciado alguém usando droga na escola 306 (32,7%) disseram que sim, 574 (61,4%) negaram e 55 (5,9%) não responderam.

Perguntou-se ainda qual a droga vista dentro da escola, e, dos 32,7% que afirmaram já ter presenciado (vários questionários com mais de uma resposta), essa droga foi especificada como: cigarro (174), maconha (104), álcool (52), cola (45) e cocaína (15).

Foi também questionado se o aluno é usuário de droga, o que foi negado por 847 (90,6%), confirmado por 26 (2,8%) e 62 (6,6%) alunos não responderam. Dos 2,8% que confirmaram ser usuário de droga, 15 (30,6%) citaram o álcool e 15 (30,6%) maconha; 8 (16,4%) cocaína e 05 (10,2%) cola. O cigarro foi referido por 4 alunos. Acrescenta-se que nesta pergunta alunos que negaram usar drogas na questão anterior, responderam o tipo de droga consumida, nesta questão (Tabela 6).

Também foi investigado sobre a drogadicção no âmbito familiar obtendo-se as seguintes respostas: 36,1% afirmaram que algum membro da família usa droga; 58,4% negaram o uso de droga na família, 0,1% não sabe e 5,3% não responderam.

Tabela 6 – Tipos de drogas presenciadas e consumidas entre escolares do ensino fundamental e médio. Fortaleza, Ceará, Brasil, 2006.

Drogas	Presenciou (n=398)		Drogas	Consumo (n=49)	
	N	%		N	%
Cigarro	174	43,7	Álcool	15	30,6
Maconha	104	26,1	Maconha	15	30,6
Álcool	52	13,0	Cocaína	08	16,4
Cola	45	11,3	Cola	05	10,2
Cocaína	15	4,0	Cigarro	04	8,2
Loló	02	0,5	Mesclado	01	2,0
Crack	02	0,5	Aranha	01	2,0
Aranha	01	0,2	Loló	--	
Heroína	01	0,2	Crack	--	
Mesclado	01	0,2	Nóia	--	
Nóia	01	0,2	Heroína	--	

Investigando a opinião dos sujeitos se “o aluno que agride o colega deve ser punido”, 867 (92,7%) acham que sim, 53 (5,7%), que não e 15 (1,6%) não responderam. Dos que disseram sim, solicitou-se que especificasse qual deveria ser a punição, sobressaindo-se a suspensão com 390 (41,7%) adeptos, expulsão com 338 (36,1%) e advertência verbal com 123 (13,1%) e menos de 1% que devia estabelecer um diálogo.

Questionando-se aos sujeitos da pesquisa se eles acreditam que a violência dentro da escola tem solução, 631 (67,5%) disseram que sim, 262 (28,0%) discordaram e 42 (4,5%) abstiveram-se de responder este item.

DISCUSSÃO

O estudo apresenta algumas limitações: (i) quando da coleta de dados, que foi feita em uma semana, houve um índice significativo de ausências desses alunos, principalmente no turno da noite, e os resultados podem estar minimizados, uma vez que os alunos faltosos poderiam ressaltar dados relevantes para o estudo; (ii) por só ter investigado em escola pública, o estudo não pode ser generalizado para os

alunos de escolas particulares.

Investigar em escola pública, concordando com Abromovay (2005), não significa dizer que esta seja mais violenta do que as particulares, mas as públicas são mais expostas as desigualdades e vulnerabilidades sociais.

Em relação às características sociodemográficas dos alunos do estudo, os dados mostram-se similares aos de Carlini-Contrim *et al* (2000), que investigaram sobre comportamentos dos jovens em relação à saúde, numa rede estadual de ensino na área metropolitana de São Paulo. Dos 871 estudantes pesquisados, 52,6% eram do sexo feminino e 47,2%, masculino; em termos de faixa etária, 43,2% dos estudantes tinham idades entre 12 e 14 anos e 56,8% tinham entre 15 e 18, o que mostra concordância com esta pesquisa ao evidenciar que 59% dos alunos foram do sexo feminino e 55,8% encontram-se na faixa de 10 a 14 anos.

A faixa etária dos alunos deste estudo é também corroborada pela pesquisa de Camacho (2001), realizada com adolescentes com idade variando de 12 a 15 anos, de classes médias, incidindo sobre a prática da violência, em duas escolas de Vitória (ES), como também com estudo de Marriel *et al* (2006), ao investigar a associação entre auto-estima e violências que ocorrem no ambiente escolar.

Nesta pesquisa, 67% dos participantes afirmaram ter renda de até um salário mínimo, o que vem confirmar as privações sociais a que esses jovens estão sujeitos, deparando-se com a vulnerabilidade e as diversas desigualdades sociais. Contudo, a literatura retrata que seria errôneo explicar a expansão da violência unicamente em função do aumento da pobreza, ainda que seja evidente que esta constitui um dos fatores de sua etiologia e que também guarda relação com ela (CASTRO, 2005).

Sabendo que a estrutura familiar tem fortes influências no modo de produzir e reproduzir os valores éticos e comportamentais, o estudo evidenciou que 35,3% desses alunos convivem com pais que desfizeram o vínculo marital, o que pode ser um fator de risco para praticar ou sofrer violências.

Abromovay e Pinheiro (2003) apontam que a “proximidade ou a distância, o diálogo, a presença ou ausência dos pais, a proibição ou a permissividade são fatores que influenciam os jovens na definição de sua escala de valores e formas de inserção social”. Díaz-Aguado (2005), ao relatar as características dos agressores e o modelo de domínio-submissão, considera que entre os principais antecedentes familiares, destaca-se a ausência de uma relação afetiva e segura, por parte dos pais.

Quanto a testemunhar situações de violência (independente do ambiente), 65,6% confirmaram já ter visto; 32,6% negaram. Contudo, o estudo indagava que, caso o aluno tivesse presenciado alguma violência, especificasse aonde tinha sido. Nesse sentido, foi identificado que apesar de algumas respostas serem negativas para “ter visto a violência”, estavam assinalados os locais onde essa violência tinha acontecido. Pode-se supor que o medo está muito presente, entre as pessoas, quando se está falando sobre este tema, complexo, amedrontador e que a “lei do silêncio”, sempre “fala mais alto”.

Portanto, para os alunos pesquisados, a violência aconteceu para 45,7% no bairro, 41,0% na escola, 9,0% no âmbito familiar, 3,0% no lazer. Outros espaços também foram mencionados (banco, hospital, mercado, igreja) totalizando 1,3% (Tabela 2).

Os achados do acontecimento da violência na escola, 41,0%, superam os achados da pesquisa realizada pela Unesco, em 2001, em escolas públicas de 14

capitais brasileiras, incluindo Fortaleza, na qual 35,6% já tinham vivenciado pelo menos uma ocorrência de violência grave em sua escola (ABROMOVAY, 2002).

Corroborando a seriedade deste problema, a escola não é mais simbolizada como um lugar seguro de integração social, de aprendizagem, de disciplina, não é mais um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas (ABROMOVAY, 2002, CASTRO, 2005, NOGUEIRA, 2005).

Pesquisa realizada em seis escolas da rede estadual da região metropolitana de Belém identificou que em alguns bairros onde as escolas se localizam caracterizam-se como violentos e inseguros, no qual se assemelham muito às necessidades imediatas da escola referentes à segurança e não a violência (Moraes et al, 2005). Em Porto alegre, foram investigados casos de lesão corporal como fator de violência mais comum na escola, sendo que, destes foram identificados casos de alunos com sinais de vitimação da violência doméstica (SANTOS, 2001).

Sobre ter sofrido violência dentro da escola, 40,1% confirmaram, 58,3% negaram e 1,6% não responderam. Lembrando que os alunos que negaram ter sofrido agressão, também colocaram os tipos de violência que eles “poderiam ter sofrido”. Desse modo, 41,3% responderam agressão física, 37,0% verbal, 10,5% ameaças, 7,5% incivildades, 2,0% violência sexual e 1,7% agressões com objetos variados.

Diversas modalidades de violências foram apontadas pelos alunos nesta pesquisa, sobressaindo-se agressões físicas e agressões verbais. Além dessas situações a pesquisa também identificou a ocorrência de outras formas de violações dos direitos da pessoa que acontecem nos espaços escolares, a exemplo das ameaças e incivildades, que pode também implicar em violência física.

Estes dados contrariam os achados da pesquisa realizada por Abromovay (2006) em cinco capitais brasileiras e distrito federal com alunos de escola pública do ensino fundamental e médio, indicando que 65% dos alunos sofreram agressões verbais, 14% ameaças e 5% já apanharam na escola (agressão física).

Os resultados de pesquisa realizada com diretores de escolas públicas em 14 regiões metropolitanas do país vêm ao encontro do constatado nesta investigação, a qual revelou que as brigas entre alunos são os maiores problemas enfrentados pelas escolas, no que se refere às situações de violência (RIBAS e RIBAS JUNIOR, 2004).

Chama-se a atenção o aumento, de atos delituosos e de pequenas e grandes incivildades nas escolas, nas últimas décadas, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a freqüentam. Tornam-se mais visíveis os atos agressivos, os incidentes mais ou menos graves que têm como palco a escola, onde todos os atores que fazem parte deste âmbito sentem-se vítimas em potencial (ABROMOVAY, 2002).

Neste estudo, a justificativa para a violência, de acordo com 48,5%, foi por causa de apelidos, 29,0% por agressão física; 9,8% consideram as rixas interpessoais, 6,4% os furtos e 4,1% as brincadeiras. Vale mencionar que 2,2% citaram outros motivos, dentre estes, divergências durante as atividades esportivas.

Estes resultados assemelham-se com achados de pesquisas realizadas com professores e alunos da rede pública e privada, em regiões metropolitanas do país. Segundo investigação realizada por Minayo (2003) e confirmada neste trabalho, como causas da violência nas escolas, os alunos apontaram alguns motivos, dentre eles a agressividade dos próprios alunos que afeta a luta pela afirmação de sua identidade e a violência, sobretudo verbal, dos professores e funcionários contra os jovens.

É oportuno lembrar que, apesar de apenas 2,2% terem referido “divergências em atividades esportivas” como motivo da violência na escola, esta situação, tem se configurado como um sério problema social, quando acontecem cenas de vandalismo, homicídios, e outros atos violentos entre torcidas organizadas, que conseguiram desfigurar a conotação cultural, saudável e social das atividades esportivas, em nível mundial. A literatura tem investigado essa faceta da violência entre os jovens (CASTRO, 2005, NOGUEIRA, 2005, ASSIS e DESLANDES, 2004).

Nesta investigação 9,6%, dos alunos afirmaram que já tinham usado algum tipo de “material” que pudesse machucar o colega, dentro da escola, no momento de uma “agressão” e, 38,4% disseram que já tinham visto aluno entrar na escola com arma. Assim sendo, dentre as armas vistas com mais frequência os alunos salientaram: o estilete (39,2%), a faca (21,4%), a arma de fogo (15,6%). Vale acrescentar que 14,0% dos alunos consideraram a caneta como um tipo de arma.

Estes dados evidenciam que a escola está diante de um grande desafio para se constituir como um ambiente saudável, promotor de saúde, que é um dos requisitos para se atingir êxitos, no processo de ensino e aprendizagem. Em um ambiente onde se detectam instrumentos e/ou arma branca (faca) e de fogo, como se cultivar paz, segurança, solidariedade, auto-estima e respeito interpessoal para criar laços e fortalecer vínculos?

Quanto a usar arma dentro da escola em alguma situação de violência, 24,5% dos alunos afirmou usar o estilete, 22,0% a caneta, 17,8% arma de fogo e, 12,0% a faca. O *pau*, *punhal*, *papel* (bolas de papel molhadas e com pedras), e as *mãos* e *braços*, também foram citados como armas.

Nos seus estudos, Castro⁷ coloca que na materialização da violência se utilizam instrumentos que vão desde uma pedra a uma arma de fogo, o que

corroborar os achados desta pesquisa. Outros estudos também trazem considerações semelhantes (GARBARINO et al, 2000).

A pesquisa evidenciou que 32,7% já tinham presenciado alguém usando droga na escola; o cigarro e a maconha foram as drogas mais vistas, com 43,7% e 26,1%, respectivamente. O álcool (13,0%), a cola (11,3%) e a cocaína (4,0%) também foram referidos. Contudo, 90,6% negaram o consumo de drogas na escola, o que foi confirmado por apenas 2,8%.

Investigações anteriores comprovam que o hábito de beber nas escolas em diversas regiões brasileiras é o uso mais freqüente de drogas entre os alunos ¹⁵, bem como o uso da maconha (SILVA et al, 2002).

Dos 2,8% que confirmaram ser usuário de droga, 30,6% desses alunos citaram o álcool, 30,6% a maconha; 16,4% cocaína e 10,2% cola. O cigarro foi referido como droga por quatro alunos. Acrescenta-se que alunos que negaram usar drogas, responderam o tipo de droga consumida (Tabela 6). O estudo trouxe dados sobre a drogadicção no âmbito familiar obtendo-se que 36,1% afirmaram que algum membro da família usa droga.

Mais uma vez, o medo de represália, de denúncia ou algum tipo de punição pelos dirigentes da escola, ou do próprio aluno, pode ter contribuído para que 90,6% dos pesquisados negassem o uso de droga no ambiente escolar.

Entre os investigados 92,7% acham que o aluno que agride o colega deve ser punido; quanto ao tipo de punição que deveria ser usada, 41,7% citaram a suspensão, 36,1% a expulsão e 13,1% a advertência verbal.

Castro (2005) nos lembra que quando um grupo social utiliza um tipo de raciocínio que admite a violência como instrumento para resolver as diferenças, para satisfazer as necessidades e para solucionar os conflitos, nós estamos diante de

uma cultura de violência.

Concordando com o pensamento anterior é preciso repensar a prática pedagógica, as relações interpessoais, inverter a lógica da resolução de crises e conflitos. Nesse sentido, envolver os atores sociais nessa resolução, motivar a participação da família e comunidade no desenvolvimento dos filhos e compactuar com os princípios da promoção da saúde e das políticas de ambientes saudáveis, deve ser o caminho a ser trilhado na dinâmica das escolas.

Esta assertiva está em acordo com órgãos mundiais de prevenção de violência nas escolas como também com a visão de vários estudiosos desse problema crescente e, de repercussão mundial (MILANI, 2004, CENTER FOR THE PREVENTION OF SCHOOL VIOLENCE, 2001, ABRAPIA, S/D).

Na expectativa dos sujeitos deste trabalho 87,5% acreditam que a violência dentro da escola tem solução. Assegurando-se que a maioria desses jovens acredita em soluções para a violência dentro da escola, este diferencial deve ser considerado e valorizado. A mediação de conflitos entre os jovens deve ser exercitada. O diálogo, a valorização da pessoa, o respeito às idéias e a credibilidade em seus propósitos de transformação social não podem e nem devem ser minimizados.

Prevenir a violência escolar é necessário adaptar os principais contextos educacionais, a escola e a família, para as mudanças sociais da atualidade, estruturando as relações e as atividades onde elas acontecem de forma que sejam mais coerentes com os valores democráticos que nossa sociedade busca transmitir (DÍAZ-AGUADO, 2005).

Os autores dialogam e concordam com a gravidade deste problema e que a violência pode e deve ser “desconstruída”. Dessa forma, a desconstrução da violência, na opinião de Milani (2004), exige o envolvimento dos sujeitos, das

instituições e da sociedade, em suas múltiplas dimensões – física, mental, emocional, ética, espiritual, econômica, jurídica, política, dentre outras. A autora ressalta que o sistema educacional tem uma responsabilidade especial nesse processo.

A autora adverte para que não se tenha um discurso reducionista ao ponto de se imputar a responsabilidade pela transformação social nos ombros da educação ou de considerar que as desigualdades socioeconômicas poderão ser resolvidas mediante um ensino de qualidade. Contudo, é inegável o papel crucial que a educação desempenha na formação intelectual e moral das novas gerações (MILANI, 2004).

CONCLUSÃO

A violência está presente no ambiente escolar e requer a mobilização dos envolvidos no sentido de, coletivamente, discutirem o problema e elaborarem mecanismos de enfrentá-la com vistas a sua redução e, por que não se cogitar, em sua erradicação?

Esse problema é fruto de várias raízes que se emaranham nos aspectos históricos, culturais, econômicos, sociais e penalizam os que aumentam os índices das desigualdades e vulnerabilidades sociais.

Algumas características sociodemográficas dos sujeitos do estudo podem ser assim sintetizadas: a maioria é do sexo feminino e estava na faixa etária de 10 a 14 anos; 67% referiram renda familiar de até um salário mínimo e, menos de 1% dos alunos afirmou possuir renda familiar de 6 ou mais salários. Sobre a situação escolar 23,3% alunos se colocaram como repetentes e 75,1% negaram esta condição.

Quanto a situação familiar, 35,3% confirmaram separação de seus pais,

25,2% responderam que moravam com o pai, mãe e irmãos, 34,3% moravam com o pai ou com a mãe e irmãos, 7,0% estavam inseridos em uma família ampliada (pai, mãe, irmãos, tios, avós) e 7,8% com cônjuge, amigos ou pessoas significativas.

Dos participantes 65,6% afirmaram já ter presenciado alguma situação de violência; desses, 41,0% afirmaram ter sido na escola e 40,1% afirmaram ter sofrido agressão na escola, sendo que 41,3%, a classificaram como física e 7,53%, incivildades. Dentre os motivos que levaram a agressão, sobressaíram-se apelidos (52,21%) e agressão física (31,25%). Sobre a questão de arma e droga, 38,4% e 32,7% confirmaram ter visto esses itens dentro da escola.

Diante dos achados, a violência está presente no âmbito escolar apresentando como um problema e um grande desafio para todas as pessoas que fazem parte desta dinâmica escolar.

A saúde e a educação estão interligadas sendo impossível obter-se um ensino e aprendizado de qualidade em um ambiente de insegurança, medos e incertezas. O envolvimento de todos no delineamento de estratégias educativas em prol do bem comum, poderá vislumbrar perspectivas do alcance de um ambiente saudável, apesar do grande desafio de conviver, combater e ultrapassar situações limites de violência, nas instituições educativas.

REFERENCIAS

1. ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Miriam Abramovay et al (organizadoras). Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

2. ABRAMOVAY, M. Violencia en las escuelas: un grand desafío. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.38, Jan/abril, p.53-66, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a03.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2005.
3. ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação; 2006.
4. ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. **Educação e incivilidade**, 2004. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>> Acesso em: 28 nov 2006.
5. ABRAMOVAY, M.; PINHEIRO, L. C. "Violência e Vulnerabilidade Social". In: Fraerman Alicia (Ed.). **Inclusión Social y Desarrollo: Presente y futuro de La Comunidad IberoAmericana**. Madri: Comunica. 2003. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2006.
6. ABRAPIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Você sabe o que é? S/D. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em: 25 out. 2006.
7. ASSIS, S. G.; DESLANDES, S. F.; SANTOS, N. C. Violência na adolescência: sementes e frutos de uma sociedade desigual. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde 2005.
8. ASSIS, S. G.; DESLANDES, S. F. Abuso físico em diferentes contextos de socialização infanto-juvenil. In. LIMA, C.A. (Coord.) et al. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004, p.47-57.
9. CASTRO, C. T. "Jóvenes y violencia". **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 37, Jan./abril, p.55-92, 2005.

10. CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, n. 27, v. 1, p. 123-40, 2001.
11. CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOLVEIA, N. Comportamento de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, n. 34, v. 6, p. 636-45, 2000.
12. CENTER FOR THE PREVENTION OF SCHOOL VIOLENCE. Students Against violence Everywhere: A National Profile. Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.ncdjdp.org/cpsv/ Acrobatfiles/SAVEprofile.pdf>> Acesso em: 5 dez. 2006.
13. DÍAZ-AGUADO, M. J. Por qué se produce la violencia escolar y cómo prevenirla. **Revista Iberoamericana de educación**, v. 37, p.17-47, 2005.
14. FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus Editora; 2005.
15. GARBARINO, J.; BRADSHAW, C. P.; VORRASI, J. A. Mitigating the effects of gun violence on children and youth. *Children, Youth and Gun violence*. [online]. **The Future of Children**, n.12, v.2, p.73-85, 2000. Disponível em: <<http://www.futureofchildren.org>>. Acesso em: 26 jul. 2006.
16. LIBERAL, E. F.; AIRES, R. T.; AIRES, M. T.; OSÓRIO, A. A. Escola segura. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5 (supl), p. 155-163, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa05.pdf>>. Acesso em: out. 2006.

17. MARRIEL, L. C.; SIMONE, G.A.; JOVIANA, Q. A.; RAQUEL, V. C. O. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de pesquisa**, n. 36, v. 127, p. 35-50, 2006.
18. MILANI, F. M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. **Educar em Revista, América do Sul**; n. 15, v. 23, p.11-20, 2004.
19. MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2003.
20. MORAES, C. R. DE; AZEVEDO, A. M.; TEIXEIRA, M. C. S. **As diversas formas de violência no ambiente escolar**. [online]. Mimeo, 2005. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2006.
21. NETO, A. A. L. **Bullying**, comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v.81, n.5 (Supl), 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br.>> Acesso em: 01 dez. 2005.
22. NOGUEIRA, R. M. D. P. A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de educación**, n. 37, p. 93-102, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie37a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2006.
23. RIBAS, E. R. S.; RIBAS JUNIOR, F. B. **Prevenção da violência e educação para a paz: um guia para reflexão e ação**. [online] São Paulo: Pratein – Consultoria em Educação e Desenvolvimento Social, 2004. Disponível em: <<http://www.pratein.com.br>>. Acesso em: 12 jul. 2006.
24. SANTOS, J. V. T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, n. 27, v.1, p. 105-22, 2001.

- 25.SILVA, E. DE F.; PAVANI, R. A. B.; MORAES, M. S. DE; NETO, F. C.
Prevalência do uso de drogas entre escolares do ensino médio do Município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 22, v. 6, p.1151-1158, 2006.

Agradecimentos

Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aloysio Barros Leal.

Este trabalho contou auxílio material e financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, entidade governamental brasileira promotora do desenvolvimento científico e tecnológico. Processo n. 504458/2004-3.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O estudo retomou as questões complexas e multifacetadas da violência. Ao enfocá-la no contexto da escola mostra o grande desafio que essas instituições educativas estão enfrentando para alcançar um ambiente saudável, como preconiza as Cartas de Promoção da Saúde e as diretrizes da Escola Promotora de Saúde.

Ao trazer os resultados do estudo na formatação de artigos, esta pesquisa evidenciou dois momentos no alcance dos objetivos que, ao contemplar duas abordagens – qualitativa e quantitativa, estas se mostraram complementares, esclarecedoras e enriquecedoras da realidade apresentada.

Na primeira etapa, o estudo trouxe as percepções dos professores do ensino fundamental e médio de uma escola pública da rede estadual, em Fortaleza, Ceará, em relação a violência na escola. Estas se mostraram em acordo com a literatura nacional e internacional sobre o tema. Diante dos discursos dos professores as categorias agressividades e incivildades, sintetizaram suas percepções. Vale ressaltar que agressividades incluiu agressão física, verbal, brigas; incivildades as brincadeiras de mau gosto, apelidos, palavrões, esconder objetos, desrespeito ao professor, dentre outros, corroborando o que a literatura conceitua, também, como *bullying*, ou na visão de outra corrente, como as microviolências.

Nesse sentido, os professores retrataram um cotidiano permeado de incertezas, medos, grandes dificuldades e imensos desafios no sentido de desconstruir essa violência que está “minando” o ambiente escolar, desestabilizando as relações entre professores e alunos e comprometendo o ensino e aprendizagem.

A segunda etapa da pesquisa, que contou com a participação dos alunos da instituição em foco, retratou as situações de violência na escola, e, evidenciou algumas características sociodemográficas desse jovem contingente.

Esses alunos confirmaram que a violência é uma realidade, está presente no ambiente escolar, tanto na ótica da observação quanto da prática, que a arma e a droga também são visíveis e utilizadas. Concordam com a “punição” para o aluno que pratica a violência, mas, também, em sua grande maioria, acredita que a violência na escola tem solução.

Diante do acreditar e defender uma expectativa de paz e harmonia na opinião dos sujeitos investigados, o estudo tece algumas recomendações:

- Que o aluno possa ser escutado sobre as condições adversas que vivenciam e de que modo eles poderiam solucionar;
- Que o tema seja discutido com alunos, professores, familiares e comunidade, na busca de soluções;
- Que sejam discutidas estratégias, a partir de uma construção coletiva, para prevenir a violência na escola;
- Que seja instituído premiações em vez de punições para consolidar o slogan de uma escola que busca paz e solidariedade;
- Que os alunos que advogam a paz, o diálogo, a harmonia sejam incentivados a se mobilizarem pela causa da não violência nas escolas, apropriando-se da linguagem e da etapa de vida entre seus pares – a adolescência, e construam projetos de transformação social.

Finalizando, concorda-se com a literatura vigente de que é preciso se desconstruir a violência nas escolas, e, um dos caminhos no alcance desse objetivo é investir na epistemologia desse saber e socializar as experiências e a construção, paulatina, de uma realidade menos violenta e mais solidária.

A escola deve ser ressignificada em seus diversos papéis e ser objeto e sujeito de políticas públicas que, realmente, sejam públicas e passíveis de serem

devolvidas ao cidadão com possibilidades concretas de melhorias das condições de vida e de sobrevivência social.

Inadmissível é continuar a depredação, não somente de patrimônios, mas dos sonhos e das expectativas de vida de milhões de jovens brasileiros, com a violência que está a dizimar a auto-estima, os valores, a solidariedade, o respeito e as relações humanas.

REFERÊNCIAS

- 1.ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação; 2006.
- 2.ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Miriam Abramovay et al (organizadoras). Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>(Acesso em 28 nov./2006).
- 3.ABRAMOVAY, M. Violencia en las escuelas: un grand desafío. **Revista Iberoamericana de Educación**; n.38: p.53-66, Jan/abril, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a03.pdf> >(Acesso em 05/dez./2005)
- 4.ABRAMOVAY, M. **Escolas de paz**. Brasília: UNESCO; Governo do Estado do Rio de Janeiro; Secretaria de Estado de Educação; Universidade do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 28 nov. 2006.
- 5.ABRAMOVAY, M. Violencia en las escuelas: un grand desafío. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.38, p.53-66, Jan/abril, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a03.pdf> >. Acesso em: 05 dez. 2005.
- 6.ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. Educação e incivilidade, 2004. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>>. Acesso em: 28 nov 2006.
- 7.ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. Violência na escola: o caso Brasil, 2004. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2006.
- 8.ABRAMOVAY M, PINHEIRO LC. “Violência e Vulnerabilidade Social”. In: FRAERMAN, Alicia (Ed.). **Inclusión Social y Desarrollo**: Presente y futuro de La Comunidad IberoAmericana. Madri: Comunica. 2003. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>> Acesso em: 28 nov 2006.
- 9.ABRAPIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Você sabe o que é? Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>> Acesso em: out. 2006.
- 10.ARENDT, H. **Da violência**. Brasília: UNB, 1970.
- 11.ASSIS S.G, DESLANDES S.F, SANTOS N.C. Violência na adolescência: sementes e frutos de uma sociedade desigual. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde 2005.
- 12.ASSIS, S.G, DESLANDES, S.F. Abuso físico em diferentes contextos de socialização infanto-juvenil. In: LIMA, C.A. (Coord.) et al. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde 2004; p.47-57.

13. ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: MINAYO, M.C. de S.; SOUZA, E.R. **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.163-198.
14. BRASIL. Ministério da Saúde. **Declaração de Alma-Ata. Carta de Ottawa. Declaração de Adelaide. Declaração de Sundsvall. Declaração de Santa Fé de Bogotá. Declaração de Jacarta. Rede de Megapaíses. Declaração do México**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
15. BRASIL. Ministério da Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Editora MS, 2005.
16. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de humanização**. Brasília: Editora MS, 2004.
17. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de promoção da saúde**. Brasília: Editora MS, 2006.
18. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de promoção da saúde**. (documento para estudo). Brasília: Editora MS, 2006.
19. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional para redução de morbimortalidade por acidentes e violências**. Brasília: Editora MS, 2002.
20. BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução n.196. **Diretrizes e Normas Técnicas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
21. ABRÁPIA. **Bullying**. Você sabe o que é? S/D. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>> Acesso em: 10 nov. de 2006.
22. BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, abril. 2000.
23. CAMACHO, L.M.Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1, p. 123-140, jan./jun., 2001.
24. CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e organizacionais. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 209-213, abril. 1997.
25. CARLINI-COTRIM B, GAZAL-CARVALHO C, GOLVEIA N. Comportamento de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, n. 34, v.6, p.636-45, 2000
26. CARVALHO, S. R. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de promoção da saúde. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1088-1095, jul./ago, 2004.

27. CASTRO, C. T. "Jóvenes y violencia". **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 37, Jan/abril, p.55-92, 2005.
28. CASTRO, M. G. **O que dizem as pesquisas da Unesco sobre juventudes no Brasil:** leituras singulares. Disponível em <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/93.pdf>> Acesso em 10 dez 2006.
29. CENTER for the PREVENTION of SCHOOL VIOLENCE. **Students Against violence Everywhere:** A National Profile. Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.ncdjdp.org/cpsv/ Acrobatfiles/SAVEprofile.pdf>> Acesso em: 5 dez. 2006.
30. CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, ano 4, n.8, jul/dez, p. 432-443, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> . Acesso em: 12 mar. 2006.
31. CZERINA, D; FREITAS, C. M. **Promoção da saúde:** conceitos, reflexões, tendências. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
32. DERBABIEUX, E.; BLAYA, C (organizadores). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 28 nov. 2006.
33. DÍAZ-AGUADO, M.J. Por qué se produce la violencia escolar y cómo prevenirla. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p.17-47, 2005.
34. DUARTE, J.D. Comunicación y convivencia escolar en la ciudad de medellín, colombia. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p. 135-154, 2005. Disponível em: <<http://www.rinace.net/biblioteca.>> .Acesso em: 10 jan. 2006.
35. EDWARD. E.G. Cine para reflexionar violencia y educadores. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p. 155-172, 2005.
36. FANTE, C. **Fenômeno Bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.
37. GARBARINO, J; BRADSHAW, C.P, VORRASI, J.A. Mitigating the effects of gun violence on children and youth. Children, Youth and Gun violence. [online]. **The Future of Children**, v.12, n.2, p.73-85, 2000. Disponível em: <<http://www.futureofchildren.org>> Acesso em 8 jul. 2006.
38. GONÇALVES, M.A.S.; PIOVESAN, O.M.; LINK, A; PRESTES, L.F.; LISBOA, J.G. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, set./dez, p. 635-658, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a06n126.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2006.
39. GOTZENS, C. **A disciplina escolar:** prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
40. GUERRERO, M.M.; LOBERA, I.J. La violencia escolar em los textos

- periodísticos. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 38, p.105-119, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a06.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2006.
41. GUIMARÃES, A.M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.
42. ITANI, A. A violência no imaginário dos agentes educativos. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n.47, dez, 1998.
43. LIBERAL, E.F, AIRES, R.T, AIRES, M.T, OSÓRIO, A.C.A. Escola segura. **Jornal de Pediatria**, n. 81, v.5 (Supl), p. 155-163, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa05.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2006.
44. MALDONADO, D.P.A. do; WILLIAMS, L.C. de A. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez. 2005.
45. MARRIEL, L.C.; SIMONE GA, JOVIANA, Q.A, RAQUEL, V.C.O. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de pesquisa**, v.36, n.127: p.35-50, jan.-abr, 2006.
46. MICHAUD, Y. **A violência**. 1ª ed. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 1986.
47. MILANI, F.M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. **Educar em Revista, América do Sul**, v.15, n. 23, novembro, 2004. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2055/1707>> Acesso em: 5 dez. 2006.
48. MINAYO, M.C.S. SOUZA, E.R. **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2003.
49. MINAYO, M.C. de S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005, p. 9-42.
50. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Secretaria de Educação Especial. Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. A Fundamentação Filosófica**. Coordenação Geral SEESP/MEC. (organização). Maria Salete Fábio Aranha. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
51. MORAES, C.R. de; AZEVEDO, A.M.; TEIXEIRA, M.C.S. **As diversas formas de violência no ambiente escolar**. [online] Belém: [Mimeo], 2005. <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

52. MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X.; ANDREOLI, S. B. Redução de danos do uso indevido de drogas do contexto da escola promotora de saúde. **Revista Ciência e Saúde coletiva**, n. 3, v. 11, jul/set, p.807-816, 2006.
53. NETO, A.A.L. Bullying, comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**; v.81, n.5 (Supl), 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: dez. 2005.
54. NJAINE, K.; MINAYO, M.C. de S. Violência na escola: identificando pistas para prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.7, n.13, p.119-34, ago, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 12 out. 2006.
55. NOGUEIRA, R.M. Del P. de A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de educación**, n.37, p.93-102, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie37a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2006.
56. ORTEGA, R.; DEL REY, R. **Estratégias Educativas para a prevenção da Violencia**. UNESCO, Brasília, 2002.
57. PEREIRA, B.O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
58. PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
59. PINTUS, A. Violencia en la escuela: compartiendo la búsqueda de soluciones. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.37, p.117-134, 2005. Disponível em: <<http://www.rinace.net/biblioteca.>> .Acesso em: 10 jan. 2006.
60. RIBAS, E.R.S.; RIBAS-JUNIOR F.B. Prevenção da violência e educação para a paz: um guia para reflexão e ação. [online] São Paulo: Pratein – Consultoria em Educação e Desenvolvimento Social, 2004. Disponível em: <<http://www.pratein.com.br>> Acesso em: 23 jul. 2006.
61. RISTUM, M; BASTOS, A.C. de S. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.9 n.1 p. 225-239, 2004.
62. SANTOS, J.V.T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1: p.105-22, jan./jun, 2001.
63. SILVA, A.M.M. Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. **A violência na escola**: a percepção dos alunos e professores 2002. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida2.htm>> . Acesso em: 22 ago. 2006.
64. SILVA, E.L. da; CUNHA, M.V. da. A formação profissional do século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 3, p. 77-82, set/dez. 2002.

65. SILVA, E. de F.; PAVANI, R. A. B.; MORAES, M. S. de; NETO, F. C. **Cadernos de Saúde Pública**. v 22, n 6, junho, p. 1151-1158, 2006.
66. WAISELFISZ, J. **Mapa da violência III**. Unesco – Brasil, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br/>> Acesso em: nov. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE FIEL DEPOSITÁRIO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, a Sr^a.

_____,
diretora da Escola Aloysio Barros Leal, após ter tomado conhecimento do protocolo da pesquisa Violência na Escola desafiando a promoção de um ambiente saudável, que tem por objetivo investigar a ocorrência de violência em escola pública do município de Fortaleza, Ceará, bem como, investigar a percepção de violência escolar de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola Pública Estadual, em Fortaleza, Ceará e descrever as situações de violências na escola a partir do entendimento de alunos do ensino fundamental e médio de uma escola pública e a prevalência de armas e drogas referida por esses alunos, no ambiente escolar, vem, na melhor forma de direito, autorizar o acesso aos documentos, sendo permitida a coleta de dados que se encontram sob sua responsabilidade.

Fortaleza, _____ de _____ de 2006.

Assinatura do Fiel Depositário

Assinatura do Pesquisador Responsável

Na necessidade de aclarar qualquer dúvida, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, pelo telefone: 3477.32.80 – Carlos Alberto Pereira de Abreu.

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DOS PROFESSORES

Formulário para acompanhamento dos alunos – Período 2 meses.

- 1) Conhecimento do Regimento Escolar
- 2) Conceitos de violência – Violência escolar – discutidos na oficina durante a semana pedagógica.
- 3) Percepções pessoais sobre violência no âmbito escolar.
- 4) Relatório das observações e acompanhamento da turma do professor.

APÊNDICE C - CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE

Eu, Carlos Alberto Pereira de Abreu, portador do CPF: 241.402.013-04, aluno do Curso de Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: Violência na Escola desafiando a promoção de um ambiente saudável. O estudo tem como objetivos:

- investigar a ocorrência de violência em escola pública do município de Fortaleza, Ceará;
- investigar a percepção de violência escolar de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola Pública Estadual, em Fortaleza, Ceará;
- descrever as situações de violências na escola a partir do entendimento de alunos do ensino fundamental e médio de uma escola pública e a prevalência de armas e drogas referida por esses alunos, no ambiente escolar.

Informo que, antes e durante a pesquisa, o Sr.^(a) será esclarecido de que não haverá riscos ou desconforto durante a realização dos procedimentos da pesquisa; poderá recusar-se a participar ou se retirar-se da pesquisa em qualquer fase, sem nenhum tipo de problema, bem como o Sr. (a) não terá prejuízo na sua atividade estudantil e familiar. O pesquisador garante que prestará esclarecimentos a qualquer momento da pesquisa. O segredo das informações e o seu anonimato são garantias deste estudo.

Importante é esclarecer que a sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - COÉTICA/UNIFOR. Endereço: Av. Washington Soares, 1321. CEP: 60.811-905 - Fortaleza - Ceará ou coetica@unifor.br. Sendo necessário, contate com a pesquisadora responsável.

Carlos Alberto Pereira de Abreu

Endereço: Av. Washington Soares, 1321 Fone: 3477 -3280

CEP: 60.811-905 - Fortaleza - Ceará.

Participante

Pesquisador

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a) _____ portador (a) da cédula de identidade _____, após leitura minuciosa da CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE, devidamente explicada pelo pesquisador em seus mínimos detalhes, ciente do tipo de participação neste estudo, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO concordando em participar da pesquisa proposta.

Assim estou ciente dos meus direitos, abaixo relacionados, como tendo:

- A garantia de receber informações gerais sobre o significado, justificativa, objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, bem como o esclarecimento e orientação a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa.
- A liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e/ou deixar de participar deste estudo, sem que isto traga nenhum tipo de penalização.
- A segurança de que não serei identificado e que será mantido sigilo e o caráter confidencial da informação prestada.
- A garantia da não existência a danos e riscos a minha pessoa.
- A garantia de que não terei gastos financeiros durante a pesquisa. Concordo em participar desta pesquisa, levando em consideração todos os elementos acima mencionados.

Reafirmo que fica claro que o participante e/ou seu representante legal pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa e ciente de que todas as informações prestadas tornam-se confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Fortaleza-CE, _____ de _____ de _____ .

Participante ou Representante Legal

Pesquisador

APÊNDICE E- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo

1. () M
2. () F

Renda Familiar:

1. () Até 1 Salário Mínimo
2. () de 1 a 2 Salários Mínimos
3. () de 2 a 3 Salários Mínimos
4. () acima de 3 Salários Mínimos

Idade

1. () de 10 a 12 anos
2. () de 13 a 15 anos
3. () de 16 a 18 anos
4. () acima de 19 anos

Turno que estuda

1. () Manhã
2. () Tarde
3. () Noite

Série ou ciclo

1. () 5ª e 6ª série do ensino fundamental (EJA III - NOITE)
2. () 7ª e 8ª série do ensino fundamental (EJA IV - NOITE)
3. () 5ª série do ensino fundamental
4. () 6ª série do ensino fundamental
5. () 7ª série do ensino fundamental
6. () 8ª série do ensino fundamental
7. () 3º ciclo de 11 anos
8. () 3º ciclo de 12 anos
9. () 4º ciclo de 13 anos
10. () 4º ciclo de 14 anos
11. () 1º ano do ensino médio
12. () 2º ano do ensino médio

Você é repetente

1. () Sim
2. () Não

Seus pais são separados?

1. () Sim
2. () Não

Se sim, você mora com quem?

1. () Pai
2. () Mãe
3. () Tio
4. () Tia
5. () Avô
6. () Avó

FATORES QUE LEVAM A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

I) Você já sofreu alguma agressão dentro da escola por parte de colegas?

1 () Sim 2 () Não

II) Se a resposta foi sim, que tipo de agressão você sofreu?

1 () Verbal

2 () Brigas

3 () Física

4 () Ameaça

5 () Brincadeiras de brigar

6 () Empurrões

7 () Desrespeito ao colega

8 () Ameaça por parte do aluno

9 () Sexual

10 () Outros. qual? _____

III) Qual o motivo que levou a essas agressões?

1. () esconder ou roubar algum objeto de seu uso

2. () apelidos de mau gosto

3. () brincadeiras de bater, esmurrar ou chutar

4. () empurrar o colega

5. () desrespeito ao professor

6. () palavrões ou xingamentos contra alguém da família

7. () outros qual? _____

IV) Você já usou algum tipo material que pode cortar durante a agressão?

1. () Sim 2. () Não

V) Se a resposta foi sim, que tipo?

1. () Armas

2. () Faca

3. () Vidro

4. () Pau

5. () Caneta

6. () Estilete

7. () Outros, qual? _____

VI) Você usa algum tipo de droga na escola?

1.() Sim 2.() Não

VII) Se a resposta foi sim, que tipo?

1. () álcool

2. () maconha

3. () cocaína

4. () cola

5. () outros qual? _____

VIII) Você presenciou algum tipo de violência ou agressão?

1. () Sim 2. () Não

IX) Se a resposta foi sim, em que ambiente?

1. () na sua casa
2. () na sua escola
3. () no seu bairro
4. () outro lugar qual _____

XI) Algum membro da sua família usa drogas?

1. () Sim
2. () Não

XII) Se a resposta foi sim, que tipo?

1. () álcool
2. () maconha
3. () cocaína
4. () cola
5. () outros qual? _____

XIII) Na sua sala de aula você já ouviu alguém dizer “Vou te pegar lá fora”?

1. () Sim
2. () Não

XIV) Você acredita que as práticas de violências dentro da escola têm solução?

1. () Sim
2. () Não

XIX) Você já se vingou de quem te agrediu?

1. () Sim
2. () Não

PREVENÇÃO CONTRA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

I - Você acha que o aluno que agrediu o colega deve ser punido?

1. () Sim
2. () Não

II - Você já viu algum aluno entrar na escola com algum tipo de arma?

1. () Sim
2. () Não

III - Se a resposta foi sim, que tipo de arma?

1. () Armas de fogo
2. () Faca
3. () Vidro
3. () Pau
4. () Caneta
5. () Estilete
6. () Outros, qual? _____

V - Se a resposta foi sim, qual?

1. () Armas de fogo
2. () Faca
7. () Vidro
8. () Pau
9. () Caneta
10. () Estilete
11. () Outros, qual? _____

XVIII – Se você fosse diretor da escola, como você faria para evitar a violência na sua escola?

XI - O que você faz na hora do recreio?

XVI - O que você acha de ter na escola durante o recreio atividades de lazer, como: jogos, TV entre outros?

ANEXO



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER N.º. 101/2006

Projeto de Pesquisa: Prevenção de violência na escola: um enfoque nas ações educativas

Pesquisador Responsável: Carlos Alberto Pereira de Abreu

Data de apresentação ao COÉTICA: 10/03/06

Registro no COÉTICA: 06-058

Parecer: APROVADO na data de 25/04/06

Prof. Dr. Haroldo Rodrigues de Albuquerque Júnior
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)